LAMPEÃO

ALMAS DE LAMA E DE AÇO

(Lampeão e outros cangaceiros)

POR

GUSTAVO BARROZO

(João do Norte)

Da Academia Brasileira de Letras

Editora - Proprietaria COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(Weiszflog Irmãos incorporada) - S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

ALMAS DE LAMA E DE AÇO

GUSTAVO BARROZO
(João do Norte)
Da Academia Brasileira

ALMAS DE LAMA E DE AÇO

(Lampeão e outros cangaceiros)

EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

A *Edvard Carmilo*

Pra móde se vê difunto,
num é perciso adoecê:
quarqé intriga é bastante
pra se matá e morrê.

Querendo tangê comboio,
inté sou bom comboieiro;
querendo fazê sapato,
inté sou bom sapateiro;
querendo andá no cangaço,
inté sou bom cangaceiro,
que isso de matá gente
é o serviço mais maneiro....

(Do *folk-lore* nordestino).

ALMAS DE LAMA E DE AÇO

O PHENOMENO DO BANDITISMO

A energia barbara do homem do sertão nordestino, precisando manifestar-se por injuncção da propria força e não achando como, naquelle meio atrasado e pobre, vae naturalmente perder-se no crime. Eis ahi a primeira causa do banditismo que continuamente assóla aquellas paragens.

Essa these é a mesma que Stendhal e Taine applicaram á Italia do seu tempo, cheia, no dizer de Alfieri, que tocára no assumpto em primeiro logar, de ardentes espiritos a que somente faltavam os meios para sêrem heróes ao invés de bandidos. Aliás, reflectindo bem, o cangaceiro nordestino é, na maioria dos casos, um simples heróe abortado, ou ás avessas.

Lendo-se as notas de viagem de Taine e de Stendhal, sente-se perfeitamente quanto, antes da unificação levada a cabo sob a égide piemontêsa e pouco tempo depois della, quando o Papa ainda governava

a Romanha, a vida do camponio se parecia, do ponto de vista da selvatiqueza de sentimentos e da barbárie de costumes com a dos nossos sertanejos.

Alli, os aldeões se esfaqueavam por questões sem importancia. De cada familia, em tres irmãos um fôra assassinado e dois estavam nas galés, ou vice-versa. A' menor contrariedade, os homens reentravam nas ferocidades primitivas. As guerras entre familias continuavam como na Corsega, ou na idade-média. Faziam-se tocaias contra os inimigos e apunhalavam-se os adversarios pelas costas. E Taine conclue suas observações com estas palavras: «Julgam poder entrar a qualquer momento na orbita do direito de guerra e fazer uso delle amplamente.»

Occorre o mesmo phenomeno nos sertões cearenses, pernambucanos, parahibanos, etc. Alli, os habitantes puxam a faca por ninharias e até a enterram no buxo dos outros sem motivo. Conta-se que um criminoso, perseguido pelo clamor publico, ainda com a arma na mão, passou rente a um negociante inoffensivo, que tomava fresco á porta da casa, e metteu-lhe a lamina nas tripas, dizendo, sarcasticamente:

— Guarde ahi que já volto!...

As familias exercem vinganças terriveis umas contra as outras e suas inimizades não se abrandam com o tempo. Perpetuam-se, legadas de avós a netos. O individuo, barbarizado pelo meio barbaro, adora as emoções fortes. As canções heroicas dos violeiros guardam a memoria dos altos feitos do cangaço, glori-

ficam os vencedores das lutas contra a policia e crêam no sertão um *panache* de nova especie.

Nossos governos ainda não olharam como deviam para a questão do cangaceirismo. Os governichos estadoaes, entregues a intelligencias estadoaes, a homens incultos, politiqueiros, pretenciosos ou vis, na maioria, não têm olhos capazes de encarar o phenomeno sob o seu verdadeiro aspecto. Alguns, fracos ou máus, ajudam-no a propagar-se, porque se apoiam nos protectores de cangaceiros, os chefes politicos do sertão. O Brasil já vio o proprio governo federal incitar dos bastidores a famosa revolução do Joaseiro, que levou as hordas do padre Cicero, do Cariri á capital do Ceará, determinando uma intervenção a posteriori do poder central. Dos politicos cearenses da aggremiação partidaria que isso interessava no momento fui o unico que se manifestou contra esse crime (1). Fiz parte do governo que succedeu a essa intervenção como Secretario do Interior, convidado pelo presidente Benjamin Barroso, alheio por sua vez ao movimento sedicioso.

Certas administrações fortes e bem intencionadas, mas de pouco saber, entendem que a repressão policial dá cabo dos cangaceiros e illudem-se com os bons resultados apparentes e passageiros. Castigam alguns potentados locaes que os protegem. Destróem seus nucleos. Perseguem seus bandos. Mettem na cóva ou na cadeia seus chefes. E no sertão tranquillo, durante algum tempo, não se ouve mais falar num

unico bandoleiro. Parece que a raça se acabou para sempre. Nada menos verdadeiro. Esfriada aquella acção energica ou violenta, que dura pouco em razão da propria violencia, o cangaceiro reapparece.

Desde o periodo colonial do capitão-mór João Carlos de Oyenhausen e Grevenburgo, que os prendia pessoalmente e os remettia a ferros para o Limoeiro de Lisbôa, no porão dos barcos, que o sertão atravessa epocas de pleno banditismo, em que os Antonios Silvinos e os Lampeões dão leis, e de calma superficial como a do governo de que participei.

Entretanto, essa rotatividade de eras mansas e agitadas não fez no correr dos seculos diminuir a extensão e intensidade das manifestações notorias do phenomeno. São as mesmas hoje que hontem, com Jesuino Brilhante, e outróra, com os Montes e Feitosas, guelfos e gibelinos duma politica pessoal e primitiva. Leia-se o depoimento de Henry Koster, no começo do seculo XIX, manusêem-se outros documentos mais antigos e mais modernos: verificar-se-á que tenho inteira razão.

Sendo o banditismo o resultado de uma energia barbara e sem direcção, não póde ser vencido por outra energia barbara e tambem sem direcção. As policias lançadas contra os cangaceiros são geralmente peores do que elles e taes violencias praticam que o sertanejo pacifico contra ellas se revolta e prefere acoutar os criminosos que a desafiam.

E' necessario e urgente dar trabalho organizado

ás populações do interior nordestino, dar-lhes onde, como e em que empregar suas energias. Para isso, sanêe-se o sertão, captem-se as aguas fugidias e irriguem-se as terras ferazes que a sêcca torna inuteis. O problema é, antes de tudo, talvez, de natureza economica. Dêm-se-lhes communicações, transportes, instrucção e justiça. Sòmente um conjuncto de medidas dessa ordem acabará de vez com os cangaceiros, productos de uma causalidade complexa que unicamente uma serie complexa de providencias poderá extinguir.

A bôa distribuição da justiça é uma das principaes dellas. Em oitenta por cento dos casos, o bandido começou sua criminosa carreira por vindicta. E esta só prolifera onde o homem sabe que não conta com a acção do policial e do magistrado.

O que acabou na Italia com aquelles sentimentos barbaros que geravam tantos bandidos nas epocas de Alfieri, de Taine e de Stendhal, não fôram os carabineiros reaes, porem a lavoura desenvolvida, as vias de communicação faceis, as escolas abundantes e efficientes, a industria e, pairando acima de tudo, a honestidade da administração e a seriedade da justiça.

D. SEBASTIÃO NO NORDESTE

A historia do mysticismo sertanejo ainda está para ser devidamente feita com as verdadeiras proporções do seu desenvolvimento no tempo e no espaço. Euclydes da Cunha pôz deante de nossos olhos, em paginas eternas, o caso isolado de Canudos, estudando nelle o homem em funcção do meio, porém unicamente no momento historico preciso, sem averiguação mais profunda das raizes do phenomeno. Este repete-se, *mutatis mutandis,* pelos seculos em fóra, desde as priscas eras dos primeiros povoamentos dos sertões ásperos até os nossos dias.

O que acontece hoje no Joaseiro do padre Cicero, por exemplo, necessariamente se filia ao que outróra se passou nessas regiões centraes do Nordeste: — explosões de mysticismo, nucleos de fanatismo rude geradores de ociosidades perniciosas e de tartufismos grosseiros, alguns dos quaes se têm prolongado através da politicagem estadoal até o ambiente da politica federal. O caso do sr. Floro Bartholomeu é demasiado caracteristico e recente para que seja esquecido.

Tambem o grande escriptor inglês Cunnighame Graham, que estudou a personalidade de Antonio Conselheiro no seu bello livro *A Brazilian Mystic* não teve elementos necessarios para abordar a parte historica desse problema sociologico, que é, sem duvida, das mais, sinão a mais importante para sua completa elucidação.

Remontando ao passado das populações sertanejas do Nordeste, encontram-se factos os mais interessantes, pelos quaes se verifica como entre aquella pobre gente e naquella terra batida de sêccas, a miseria e a ignorancia, de mãos dadas, têm conseguido effeitos terriveis e sobretudo contagiosos. Entre elles, o mais tétrico e, ao mesmo tempo, mais curioso foi o acontecido em 1838 no logar Pedra Bonita, perto de Pagehú de Flôres, em Pernambuco.

Delle perfunctoriamente se occupou, em meados do seculo passado, na imprensa cearense, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Felizmente, porem, teve depois o seu historiador, que nol-o deixou descripto com todos os pormenores e até acompanhado de excellente desenho do local. Foi este o sr. Antonio Attico de Sousa Leite e o seu pequeno livro se intitula: *Fanatismo Religioso — Memoria sobre o reino encantado na comarca de Villa Bella.*

Que era esse *Reino Encantado?* Vamos vêl-o, resumindo o mais possivel o livrinho do referido autor.

Pagehú de Flôres é logar de sobejo conhecido pela

sua anarchia. Dalli sáem grandes cangaceiros e até ás facas compridas que usam se dá o nome de pagehú. Em 1835, era talvez peor do que hoje, não se respeitava rei nem roque, o bacamarte funccionava como lei e os grupos rivaes diariamente combatiam na via publica. De accordo com o bispo de Olinda, para terminar aquelle estado de coisas, o governo provincial mandou como vigario interino o padre Corrêa de Albuquerque, velho missionario, que conseguio paz entre aquellas perigosas ovelhas...

Mal essa paz se firmava, em 1836, surgia no termo de Villa Bella o primeiro bróto dum arbusto de fanatismo sertanejo, que havia de se tornar arvore copada á custa de muito sangue. O mameluco João Antonio dos Santos, digno de hombrear com o Conselheiro e com o padre Cicero, embora muito mais selvagem e cruel do que esses centralizadores de energias matutas, começou a mostrar secretamente aos incultos habitantes da região duas pedrinhas claras e luminosas, que affirmava sêrem diamantes tirados duma mina descoberta por elle em virtude de mysteriosa revelação. Possuia esse velhaco individuo um antigo *pliego de cordel* sebastianista, no qual se contava em versos grosseiros que o rei desapparecido em Alcacer-Quibir resuscitaria no dia em que um tal João se casasse com uma tal Maria, desencantando o seu soberano e fazendo feliz o seu povo.

O manhoso mameluco aproveitou habilmente os dizeres do folheto que lia aos incautos. Chamava-se João e casou logo com uma rapariga chamada Ma-

ria, obtendo de varios fazendeiros da redondeza dinheiro e gado por emprestimo, para lhes pagar pelo dôbro o pelo triplo, quando o reino de D. Sebastião se desencantasse...

Lentamente se foi espalhando a historia urdida pelo esperto mestiço. Primeiramente, acreditaram nella seu pae, irmãos, tios e primos; depois, os criadores e moradores do termo; por fim, as gentes das ribeiras mais distantes. Uns acceitavam a coisa por mera ignorancia ou simplicidade, outros por avidez, seduzidos pela promessa da mina de diamantes, e alguns porque viam no movimento ensanchas de satisfazer instinctos, vinganças, apetites e ambições.

Perto de Villa Bella, existia, como que de proposito, um scenario apropriado á tragedia que se ia desenrolar.

Do sólo aspero do sertão surgem alli duas altas agulhas de pedra, afeiçoadas pela mão da natureza, similhando dois minaretes, de mais de trinta metros de altura. Uma dellas, coberta de mica faúlhante, recebeu o nome de Pedra Bonita. Entre as duas, um corredor arejado e claro. Ao pé duma, larga alfurja formada por tres grandes lages que se apoiam no colossal menhir. Depois, um amontoado de rochas com um terraço em cima. Do outro lado, uma lage baixa, lembrando um altar. Mais distante, vasta caverna de capacidade para duzentas pessôas. Em volta, catolezeiros gementes e cardeiros de toda a especie.

Esse o logar que João Ferreira escolheu para

pregar aos povos do Pagehú uma nova seita: a da ressurreição de D. Sebastião e consequente desencantamento do reino que jazia invisivel e onde faiscavam jazidas de brilhantes, incendiando as imaginações. As duas agulhas de granito eram as torres da cathedral do tal reino. A pedra chata foi escolhida para altar. A caverna grande, denominada *Casa Santa*, serviria para abrigar os fanaticos ou escondêl-os. A pequena seria o santuario e o terraço, o pulpito do pregador e o throno do rei.

Começou a reunir-se gente em redor de João Ferreira. Havia individuos nervosos, impressionaveis, exaltados e outros espertalhões. Alguns vieram de motu proprio e alguns induzidos, convidados, arrastados. Dia a dia augmentava o auditorio das praticas do mameluco, que, do alto do terraço, com uma corôa de cipó na cabeça, dizia que o reino de D. Sebastião se desencantaria em breve para felicidade de quantos o acompanhassem, nelle tivessem fé e em tudo lhe obedecessem. Geralmente, finda a prédica, se realizavam os casamentos, sómente podendo o noivo receber a noiva depois que ella tivesse passado a noite com o rei... Era um direito feudal reeditado nos sertões... A cerimonia das bôdas não podia ser mais simples: em presença das testemunhas, a noiva apertava com os seus labios os do noivo, emquanto um tal Manoel Vieira, que se alcunhava *Frei Simão* e fazia officio de celebrante, pronunciava palavras inintelligiveis.

Em lembrança talvez de sua ascendencia indı-

gena, preparava o mameluco um *vinho encantado*, composto de jurema e manacá, que dava ás noivas que ia *dispensar* e a todos quantos queria que fossem tomados de enthusiasmo ou que soffressem perturbações similhantes ás dos toxicos modernos. Deste modo, os pobres sertanejos *viam* os thesouros de D. Sebastião.

Assim se passou o tempo até 1838. Então, um dia, após ter dado vinho a todo o seu povo, o rei João Ferreira declarou que D. Sebastião estava zangado com os seus fieis, que eram incredulos, falsos e fracos. Perguntaram os assistentes qual o meio de dissipar o aborrecimento de D. Sebastião. E foi-lhes respondido pelo monstro que os fanatizara ser necessario lavar a Pedra Bonita com sangue de gente. Um velho correu da multidão e, delirante, offereceu o pescoço á faca de Manoel Vieira, que o degolou. De então por deante, se sacrificavam diariamente, ás dezenas, naquelle altar de pedra de que falámos, homens, mulheres e criancinhas!

Com o sangue das victimas se untavam as grandes pedras.

Seria inacreditavel isso, si os documentos coévos não o provassem de modo inilludivel.

Alguns individuos e sobretudo meninos fugidos do Reino Encantado contaram, horrorizados, o que lá se passava ao commissario de policia Manoel Pereira da Cunha, coronel commandante superior da

Guarda Nacional de varios municipios proximos. Fazendeiro rico, homem de grande coração, de muito dinheiro e vasta influencia, reunio seus clientes e os de sua familia, convidou visinhos e amigos, e marchou contra a Pedra Bonita á frente de numerosa tropa irregular.

Emquanto tomava essas providencias, davam-se alguns acontecimentos notaveis entre os fanaticos. O pardo João Pilé precipitava-se, com dois netos nos braços, do alto do terraço como duma rocha Tarpeia. José Vieira matava, a golpes de facão, na Pedra dos Sacrificios, um filhinho de dez annos, que, de joelhos, lhe bradava «— Meu pae, você que dizia que me queria tanto bem!» Uma viuva immolava, *para ser rainha*, dois filhos pequeninos dos quatro que trouxera, escapando os outros dois por têrem fugido apavorados. Isabel, irmã do rei, era victimada grávida. E, ao fim do terceiro dia de carnagem, conseguia-se lavar as bases das pedras com o sangue de trinta crianças, doze homens, doze mulheres e quatorze cães!!! Mas Pedro Antonio, irmão do rei, annunciou que D. Sebastião lhe apparecêra e reclamára que se matasse o soberano. Então, o mameluco João foi morto e Pedro proclamado seu successor.

Foi a esse que os expedicionarios encontraram chefiando a matúla de fanaticos. Depois de rapida luta, fôram destroçados e dispersados, máu grado o destemor de que deram provas e os seus gritos de *Viva D. Sebastião!* Morreram desesseis sectarios de Pedro Antonio, inclusive tres mulheres. Elle proprio

pereceu. Perdêram a vida dois irmãos do commissario de policia e tres dos seus homens. Aos prisioneiros, que eram muitos, Manoel Pereira não consentio que se fizesse mal e levou-os para as villas proximas, onde lhes deu destino conveniente, entregando os chefetes e os menores ás autoridades e arranjando trabalho para os adultos. Emfim, o missionario Corrêa, do Pagehú, foi á Pedra Bonita, onde arengou aos vivos e deu sepultura aos mortos, erigindo naquelle ambito que pertencêra ao demonio o symbolo sagrado da cruz.

De tudo ha documentos officiaes: partes, relatorios, officios, bem como os processos dos principaes chefes aprisionados, que fôram submettidos a jury.

Conta a lenda que o cadaver do rei João Ferreira continuou com o diabo no couro. Tal qual o Rasputine do livro do principe Yussupof. Dava berros, roncava, mexia os braços, as pernas, a bôca, a barriga. Para que se aquietasse, foi necessario amarral-o a umas arvores, arrancar-lhe as tripas e vasar-lhe os miolos. O facto é que nesse estado o encontrou e desenhou o padre Corrêa.

Eis ahi, resumidissima, a historia dos prodigios causados por D. Sebastão no nosso sertão nordestino. E' um documento que servirá para a historia do mysticismo sertanejo. Depois de meditar sobre elle, comprehenderemos melhor o meio que cerca as figuras do Conselheiro e do padre Cicero, e essas proprias figuras.

CORONELISMO E CANGACEIRISMO

A protecção a cangaceiros foi sempre praticada em grande escala pelos chefes politicos do interior do Nordeste, muito especialmente do Ceará; e é essa uma das razões por que os governos fracos tiveram de se submetter ao cangaceirismo e por que os governos fortes nunca puderam de todo acabar com elle.

As tentativas para esse effeito vêm de muito longe, dos tempos coloniaes. Já os governadores portuguêses como João Carlos Oyenhausen e Grevenburg, que morreu marquez do Aracaty, e Luis da Motta Féo e Torres, no Ceará, Amaro Joaquim, citado por Henry Koster, na Parahyba, e outros fizeram esforços para acabar com a praga sem que nada conseguissem. Isto mostra aos estudiosos que não é prendendo e matando os cangaceiros — méros effeitos — que se porá fim ao banditismo, sim combatendo suas causas. Naturalmente, durante os periodos de perseguição, os bandidos rareiam, acabando mesmo por desapparecer. Ao menor coxilo das autoridades, entretanto, surgirão de novo. E' necessario apagar os fermentos que lhes dão origem. E, infelizmente, esse

problema complexo ainda não foi compreendido pelos *estadistas* do Nordeste...

Esquecendo que o banditismo sómente morrerá quando houver nos sertões justiça, respeito á autoridade, vias faceis de communicação, instrucção, educação e trabalho organizado, elles nunca saíram do circulo vicioso das perseguições aos bandidos em Estados isolados ou por accordo entre varios Estados, sinão uma vez e essa para deixar traçado um dos mais curiosos documentos da vida politica brasileira.

Foi em 1911. Alastrára-se o cangaceirismo pelo interior do Ceará de maneira espantosa, apesar de não haver lutas politicas de grande vulto, pois todo o Estado modorrava sob a direcção do velho commendador Antonio Pinto Nogueira Accioly. José Dantas perambulára durante uns quatro annos pelas ribeiras do Banabuiú, do Quixeramobim, do Salgado e do Jaguaribe. Tres annos antes, vindo a cavallo da fazenda Cruxatú para a estação de Joá, onde devia tomar o trem, encontrei-o e falei com elle, ao luar, á vista da serra Azul. Aurora fôra incendiada. E a rivalidade entre os chefes politicos do Cariri accendia aqui e alli pequeninas e ferocissimas guerras de clan. Urgia acabar com aquillo. Recorreu-se ao poder centralizador do padre Cicero, e houve o seguinte:

«Acta da *sessão politica* realizada na villa do *Joaseiro do Padre Cicero*, tudo como abaixo se vê *et coetera*. Aos quatro dias do mez de outubro de mil novecentos e onze, nesta villa do *Joaseiro do Padre*

Cicero, municipio do mesmo nome, comarca do Crato, no Paço da Camara Municipal comparecêram á uma hora da tarde os seguintes chefes politicos: *Coronel Antonio Joaquim de Sant'Anna,* chefe do municipio de Missão Velha; *coronel Antonio Luis Alves Pequeno,* chefe do municipio do Crato; *reverendo Padre Cicero Romão Baptista,* chefe do municipio do Joaseiro; *coronel Pedro Silvino de Alencar*, chefe do municipio do Araripe; coronel Romão Pereira Filgueira Sampaio, chefe do municipio do Jardim; coronel Roque Pereira de Alencar, chefe do municipio de Sant'Anna do Cariry; coronel Antonio Mendes Bezerra, chefe do municipio do Assaré; coronel Antonio Corrêa Lima, chefe do municipio de Varzea Alegre; coronel Raymundo Bento de Souza Balléco, chefe do municipio de Campos Salles; *reverendo padre Augusto Barbosa de Menezes,* chefe do municipio de São Pedro do Crato; coronel Candido Ribeiro Campos, chefe do municipio de Aurora; coronel Domingos Leite Furtado, chefe do municipio de Milagres, representado pelos illustres cidadãos coronel Manoel Furtado de Figueiredo e major José Ignacio de Souza; coronel Raymundo Cardoso dos Santos, chefe do municipio de Porteiras, representado pelo reverendo Padre Cicero Romão Baptista; *coronel Gustavo Augusto de Lima,* chefe do municipio de Lavras, representado por seu filho major João Augusto de Lima; coronel João Raymundo de Macedo, chefe do municipio de Barbalha, representado por seu filho major José Raymundo de Macedo e pelo *juiz de direito daquella*

comarca doutor Arnulpho Lins e Silva; coronel Joaquim Fernandes de Oliveira, chefe do municipio de Quixará, representado pelo illustre major José Alves Pimentel; e o coronel Manoel Ignacio de Lucena, chefe do municipio de Brejo dos Santos, representado pelo coronel Antonio Joaquim de Sant'Anna. A convite deste, que, assumindo a presidencia da *magna sessão, logo deixou-a,* occupou-a o reverendo Padre Cicero Romão Baptista, para em seu nome declarar o motivo que aqui os reunia. *Occupada a presidencia pelo reverendo Padre Cicero Romão Baptista,* fôra chamado para seu secretario o major Pedro da Costa Nogueira, tabellião e escrivão da cidade de Milagres, que tambem se achava presente. Declarou o presidente que, acceitando a honrosa incumbencia confiada pelo seu presado e prestigioso amigo coronel Antonio Joaquim de Sant'Anna, chefe de Missão Velha, e, traduzindo os sentimentos altamente patrioticos do egregio chefe politico excellentissimo senhor doutor Antonio Pinto Nogueira Accioly, *que sentia d'alma a discordia existente entre alguns chefes politicos desta zona,* propunha que, para desapparecer, por completo, essa hostilidade pessoal, e estabelecer-se definitivamente uma solidariedade politica entre todos, a bem da segurança do partido, os adversarios se reconciliassem, e ao mesmo tempo lavrassem todos um pacto de harmonia politica. Disse mais, para que ficasse gravado *este grande feito* na consciencia de todos e de cada um de per si, apresentava e sub-

mettia á discussão e approvação subsequente os seguintes artigos de *fé politica:*

Art. 1.º — Nenhum chefe dispensará protecção a criminosos do seu municipio nem dará apoio aos dos municipios vizinhos; devendo, pelo contrario, ajudar na captura destes, *de accordo com a moral e o direito.*

Art. 2.º — Nenhum chefe hostilizará outro chefe seja qual fôr a hypothese.

Art. 3.º — Havendo, em qualquer dos municipios, reacções ou mesmo tentativas contra o chefe officialmente reconhecido com o fim de depôl-o ou de desprestigial-o, nenhum dos chefes dos outros municipios intervirá, nem consentirá que os seus amigos intervenham, ajudando directa ou indirectamente aos autores da reacção.

Art. 4.º — Em casos taes, *só poderão intervir por ordem do governo,* para manter o chefe e nunca para o depôr.

Art. 5.º — Toda e qualquer desintelligencia entre os chefes presentes será resolvida amigavelmente por um accordo; *mas nunca por um accordo de tal ordem que o seu resultado seja a deposição, perda da autoridade ou da autonomia de um delles.*

Art. 6.º — E, nessa hypothese, quando não puderem resolver, pelo facto da igualdade em votos de duas opiniões, *ouvir-se-á o chefe supremo do partido, cuja ordem e decisão serão religiosamente obedecidas.*

Art. 7.º — *Cada chefe, a bem da ordem e da moral politica, terminará, por completo, a protecção*

a cangaceiros, não podendo protegêl-os nem consentir que os seus munícipes sob que pretexto fôr os protejam, dando-lhes guarida ou apoio.

Art. 8.º — Mantêrem todos os chefes aqui presentes inquebrantavei solidariedade, *não só pessoal como politica,* de modo que haja harmonia de vistas entre todos, sendo, em qualquer emergencia, *um por todos e todos por um, salvo em caso de desvio da disciplina partidaria, quando algum dos chefes entenda de collocar-se contra a opinião e ordem do chefe do partido, o excellentissimo doutor Antonio Pinto Nogueira Accioly.* Nesta ultima hypothese, cumpre *ouvirem e executar* as ordens de S. Ex. e secundal-o nos seus esforços para manter intacta a disciplina partidaria.

Art. 9.º — Mantêrem todos os chefes *incondicional solidariedade politica com* o excellentissimo senhor doutor Antonio Pinto Nogueira Accioly, nosso honrado chefe, e, como politicos disciplinados, *obedecêrem incondicionalmente* suas ordens e determinações.

Submettidos a votos, fôram todos os referidos artigos approvados, propondo, unanimemente, todos que ficasse logo em vigor desde esta occasião (*sic*). Depois de approvados, o Padre Cicero, levantando-se, declarou que, sendo de alto alcance *o facto estabelecido,* propunha que fôsse lavrado no livro de Actas desta municipalidade todo o occorrido, para ser por todos os chefes presentes assignado, e que se extrahisse uma copia da referida acta para ser registrada nos Livros das municipalidades vizinhas, bem como

para ser remettida ao excellentissimo senhor presidente do Estado, *que deverá ficar sciente de todas as resoluções tomadas,* o que foi feito por approvação de todos e por todos assignado. Eu, Pedro da Costa Nogueira, secretario, o escrevi. *Padre Cicero Romão Baptista,* Presidente; *Antonio Luis Alves Pequeno, Antonio Joaquim de Sant'Anna, Pedro Silvino de Alencar, Romão Pereira Filgueira Sampaio, Roque Pereira de Alencar, Antonio Mendes Bezerra, Antonio Corrêa Lima, Raymundo Bento de Sousa Balléco, Padre Augusto Barbosa de Menezes, Candido Ribeiro Campos, Manoel Furtado de Figueiredo, José Ignacio de Souza, João Augusto Lima, Arnulpho Lins e Silva, José Raymundo de Macedo, José Alves Pimentel.* Está conforme ao original, ao qual me reporto e dou fé. Villa do Joaseiro do Padre Cicero, em 23 de outubro de 1911. O Secretario: *Pedro da Costa Nogueira.*»

Eis a famosa acta do Joaseiro, painél admiravel da politica sertaneja, nella melhor retratada do que num livro de estudo profundo: a sabujice, o incondicionalismo, os apoios de cheick a cheick, de cacique a cacique e de senhor feudal a senhor feudal, a protecção ao cangaceiro, guarda-costas e arma de terror. Tudo, emfim. Publicou-a o orgão official cearense do tempo, na primeira pagina, a *A Republica,* de Fortaleza, de 8 de novembro do mesmo anno, declarando-a de *incontestavel valor e alcance politico.* E' longa e maçante, mas deve ficar registrada para no futuro os

sociologos tirarem della proveitosas illações. Parece pilheria.

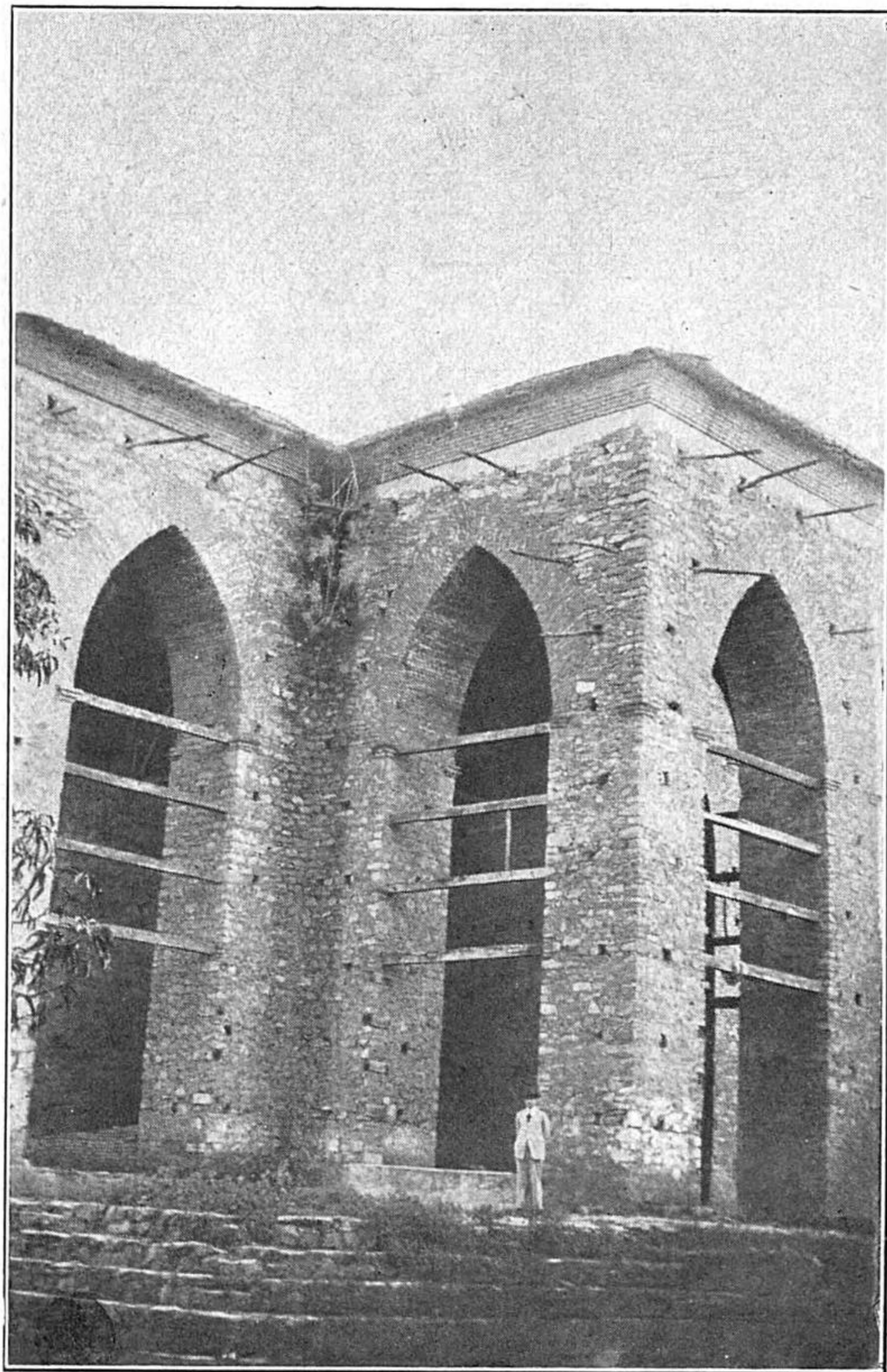
Não merece maiores commentarios que os gryphos que lhe puzemos de espaço a espaço. Alguns marcam nomes e carecem de explicação: assignalam a designação da *capital do cangaço*, Joaseiro *do Padre Cicero;* o coronel Sant'Anna, pae do secretario do Interior do governo Moreira da Rocha, doutor Juvencio Sant'Anna; o padre Cicero, presidindo já a reunião de todos os coroneis da zona dos cangaceiros; Pedro Silvino de Alencar, futuro *heróe* da revolução jagunça de 1914, comparsa de Floro Bartholomeu e commandante da policia na intervenção federal do então coronel Setembrino de Carvalho; outro sacerdote, o reverendo Augusto Barbosa; o coronel Gustavo Lima, potentado famanaz, que devia morrer assassinado por uma *reacção;* e um *Juiz de Direito!!!*

Esse notavel documento dos costumes politicos e da organização social duma epoca, no Ceará, ensina-nos claramente que, no sertão, o cangaceiro existe em funcção do coronel e o coronel domina em funcção do cangaceiro. Combata-se o coronelismo e se estará trabalhando para a extincção do cangaceirismo.

PADRE PEDRO

Na aspera vida dos sertões de Nordeste, em que o melhor das energias dos habitantes, pela falta inconsciente dos governos, se vae perder no banditismo ou na emigração, pois que o abandono em que vivem é completo, o sacerdote exerce funcções que sáem muitas vezes fóra dos limites traçados pelos deveres religiosos.

Nessa sociedade rudimentar, retardada, o padre é quasi sempre um centralizador de forças, de ideaes, de inclinações. A justiça está nas mãos dos poderosos. A força vence o direito. Não ha assistencia de serviços publicos, não ha instrucção e não ha prophylaxia. Agricultura e commercio arrastam-se atrazados, acabrunhados pelos impostos excessivos. A politica serve somente para perseguições pessoaes, ajudada pela policia. E o bacamarte erige-se em defensor, em vingador e em justiceiro. Ora, nessas condições da vida, a unica coisa que ainda fala á alma rude e atribulada dos sertanejos é a religião, embora deformada pelo fanatismo resultante da ignorancia.

Desta sorte, o vigario da freguezia representa a autoridade mais estavel e, espiritualmente, mais for-

O HORTO — JOASEIRO
Paredes da grande igreja mandada levantar pelo Padre Cicero
e até hoje ainda não concluida.

te. Esse poder de centralização póde ser habilmente desenvolvido. Dahi a extensão a que chegou, em varias localidades do Cariri, no Ceará, com o padre Pinto e o padre Cicero.

Esses homens são fatalmente necessarios ao sertão. Num meio dominado pela anarchia, qualquer desses padres representa uma base, um poder central, uma influencia até certo ponto moderadora, uma autoridade moral onde não ha nenhuma. E, si fanatizam, si exploram, a culpa não cabe á população sertaneja, que carece de escolas, de hygiene, de agua, de vias de communicação; porém aos governos estadoaes e ao seu supremo mentor — o governo geral ou federal.

Entretanto, muitas vezes o padre é levado de roldão pela anarchia circumdante e torna-se de um momento para outro cangaceiro ou chefe de cangaceiros. São innumeros os exemplos na sangrenta historia dos sertões nordestinos.

Um dos mais interessantes é o do celebre padre Pedro, que deixou fama imperecivel em Pernambuco, no começo do seculo passado. Fala delle Henry Koster no seu curioso livro de viagens.

Residia a mais ou menos vinte leguas do Recife. Nesse tempo, 1809 a 1815, essas vinte leguas representavam, em relação á civilização littoraneana do Brasil, duzentas de hoje. O caso do padre Pedro passou-se a vinte leguas duma capital maritima. Actualmente, factos identicos occorrem, quando muito, a duzentas. A differença para um seculo não é grande.

A casa do sacerdote elevava-se, como quasi todas as da sua especie no sertão, no alto dum comoro, tendo longa e larga vista sobre as planicies circumjacentes, cobertas de catingas ralas, de capoeiras, de carrascáes e de carnahubáes. Seu proprietario era o chefe incontestado da redondeza. Acolhia na sua fazenda todos os perseguidos. Direito feudal de asylo. Foi assim que Roma nasceu, que Palmares e Canudos se formaram e que o Joaseiro do Cariry se transformou em Joaseiro do Padre Cicero com a densa população que hoje tem.

Padre Pedro acolhia todos os que o procuravam, menos os ladrões. Esse traço não é raro no banditismo daquellas regiões, antes pelo contrario é commum e pinta o fundo honesto da alma dos obscuros heróes do cangaço. O cangaceiro é sempre assassino e raramente ladrão. Porque commette o primeiro crime para defender-se ou vingar-se, pois a justiça official não existe e, quando existe, está tão desmoralizada pelos exemplos anteriores de arbitrariedades e infamias que ninguem acredita mais nella.

Cercavam a casa do padre Pedro matos espinhentos, varzeas desertas onde se cruzavam e recruzavam veredas torcicollosas, formando verdadeiro labyrintho; e, consoante o expressivo falar sertanejo, *cada estaca da cerca dos curráes era um homem armado.*

Accusado perante o governador colonial do Recife de dar guarida a criminosos e chamado por elle,

veio á capital defender-se. Trouxe como escolta uma duzia de seus melhores *cabras*. Deixou-os de trabuco em punho á porta do paço governamental e subio as escadas sosinho, ordenando-lhes não deixassem subir ninguem depois delle.

Apresentou-se á autoridade respeitosamente, de chapéo na mão. O representante de D. João VI queixou-se do seu procedimento fóra da lei, lamentando que um ministro de Jesus Christo se fizesse acolhedor de facinoras. Respondeu com altivez:

— O senhor conhece o sertão e sua vida tão bem como eu. Não tenho culpa dessa vida ser barbara como é. Não a fiz. Encontrei-a e vivo de accordo com o logar onde o destino me pôz. E' inutil mandar chamar-me para conversar sobre esse assumpto.

Deu as costas ao governador e saío sobranceiro. Juntou-se ao seu grupo armado e partio para a fazenda, onde, em redor da casa, corriam os seus cães de gado, molossos ferozes, que valiam, affirmava a voz do povo, outros tantos cangaceiros. E continuou sua vida barbara, mandando atrelar á bolandeira e ao engenho de canna, como muares, os officiaes de justiça que caíam na asneira de vir cital-o e os commandantes dos destacamentos que vinham sitial-o e que desbaratava.

E ha mais de um seculo, infelizmente, energias dessa ordem, caractéres assim fortes e audazes, energias e caractéres que produziram os heróes das bandeiras bahianas, da guerra hollandêsa, das lutas do

Equador, dos balaios e dos quebra-kilos se perdem no nosso sertão por simples culpa dos governos que os não têm sabido aproveitar, encaminhando-os para o bem e salvando-os do mal.

Quando se lembram delles é para armal-os e usal-os em criminosas aventuras politicas...

o|o

UM CANGACEIRO COLONIAL

A luta entre os Montes e Feitosas, no sertão cearense, similhante ás guerras que se faziam na Italia medieval Montecchi e Capuletti, ou na Argentina, ha quasi cem annos, Ocampos e Davilas, durou longo tempo. Começada quando o Brasil ainda dormitava entre os braços sugadores da metropole, somente se acabou muitos annos depois de constituida a nação.

Os Feitosas, segundo nos conta Koster, no seu interessantissimo livro, tinham attingido a tal poderio pela sua riqueza em gados e fazendas, no interior do Ceará e do Piauhy, que entendiam não obedecer a lei alguma e se tinham constituido, feudalmente, em senhores de alta e baixa justiça.

Seu chefe ostensivo, ahi por 1808, era o coronel Manoel Martins, que dominava Villa Nova e matára, segundo o affirma João Brigido, o juiz ordinario Barbosa. Southey aponta-o como coronel das Ordenanças, especie de cavallaria da Guarda Nacional da epoca, no termo ou comarca onde residia.

Foi por esse tempo governar o Ceará um rapaz de menos de vinte annos, mas em quem já amadurecê-

ra esse espirito de coragem calma, de tolerancia e de justiça que é o apanagio dos homens de Estado de nascença e jamais florio naquelles que se julgam estadistas e só a ironia do destino guia ás supremas magistraturas. Era um fidalgo português de origem hollandêsa ou germanica, que se dizia ser afilhado de D. Maria I. Chamava-se João Carlos de Oyenhausen e Grevenburgo, servio a Portugal e ao Brasil, figugurou nas lutas da Independencia e recebeu do primeiro imperante o titulo de marquez do Aracaty. Governou o Ceará e S. Paulo, foi capitão-general de Matto Grosso e, de volta ao serviço português, morreu administrando a colonia de Moçambique.

Esse adolescente trazia difficil missão do governo lusitano. Devia prender o potentado sertanejo Manoel Martins, contra o qual até então tinham sido improficuos todos os esforços das autoridades locaes.

Henry Koster, que esteve em Fortaleza durante o governo de Luis Barba Alardo de Menezes, immediato successor de Oyenhausen e Grevenburgo, colligio da tradição oral, ainda muito fresca, o que sobre elle narrou. Koster seguira do Aracaty para a capital munido de cartas de recommendação, segundo confessa, do meu tio-avô Fidelis Barrozo, intitulado pela sua altura Pau da Cruz, de quem fôra hospede naquella cidade. Essas cartas permittiram que frequentasse as melhores rodas da séde do governo, sendo o seu testemunho de alta valia. Foi do seu livro que Southey tirou todas as notas sobre os Feitosas que

estão no sexto volume de sua *Historia do Brasil*.

Vendo que pela força seria impossivel apoderar-se do chefe dos Feitosas, João Carlos recorreu á astucia. Mandou dizer a Manoel Martins que ia visital-o e desejava passar em revista a sua companhia de Ordenanças. Esta compunha-se de mais de cem homens bem armados, assassinos e desertores asylados no solar feudal sertanejo, onde só se negava agasalho aos ladrões e violadores de mulheres.

No dia marcado, o governador apresentou-se em casa do coronel, acompanhado somente por uma duzia de homens. Passou a gente da Ordenança em revista e fatigou-a em exercicios durante muitas horas, ao sol ardente do sertão. Quando os cavalleiros receberam ordem de debandar, estavam exhaustos.

Caía a noite. João Carlos de Oyenhausen e Grevenburgo penetrou com seus companheiros na casa do grande cangaceiro, como hospede. De subito, porem, arrancou a pistola do cinto, pôl-a ao peito do outro e deu-lhe voz de prisão em nome d'El Rei. Seus officiaes e ordenanças surpreendiam e amarravam as restantes pessôas da casa: servos e parentes. Ninguem pôde dar alarme. Si pronunciassem uma palavra, seriam mortos.

O governador e sua escolta, levando os presos ajoujados, montaram mais que depressa a cavallo e galoparam a noite inteira para a costa. Ao amanhecer, avistaram o mar. Um navio, ancorado naquellas paragens de proposito e com grande antecedencia, balouçava-se á flor das vagas verdes.

Puzeram Manoel Martins numa jangada e esta o levou para bordo. Mal encostava ao navio, appareciam as Ordenanças sertanejas, reunidas pelos parentes e amigos do chefe prisioneiro que conseguiram escapar á prisão, á noite, desconfiando do que se passava, ou não encontraram de manhã cêdo o coronel e seus hospedes na casa vasia. Chegavam tarde. Soffrearam os cavallos resfolegantes e suarentos na espuma das ondas, brandiram os bacamartes inuteis, apertaram nervosamente os punhos dos terçados e das facas. O terral soprava frêsco e as velas brancas diminuiam no azul do céo.

Chegando a Lisboa, Manoel Martins foi mettido no Limoeiro. O cangaceiro cearense, acostumado á canicula terrivel das varzeas e á liberdade immensa dos carnahubáes e das catingas, homem que se creára a cavallo a perseguir gado e gente, em vaqueijadas e em pugnas medonhas, começou a apodrecer numa masmorra do outro lado do Atlantico, tão longe do seu torrão natal.

Ninguem sabe como acabou seus dias. Tanto Koster como Southey não nos contam com segurança o fim do potentado sertanejo, limitam-se a repetir duas versões que correram a seu respeito: para uns, morrera de miseria physica e moral no lobrego Limoeiro; para outros, os francêses de Junot, quando tomaram Lisbôa, o puzeram em liberdade.

O certo é que nunca mais voltou á terra que o vira nascer. Porem a luta entre sua familia e a dos

Montes proseguio quasi sem treguas ainda por espaço de meio seculo.

O estratagema pouco honroso de Oyenhausen acabára com um dos effeitos ou productos do cangaceirismo, não removêra nenhuma de suas causas e, emquanto estas duraram, a guerra de clan continuou.

OS CAXEADOS, AVÓS DO CANGACEIROS

Em Fortaleza, capital do Ceará, a rua de Baixo que já se chamou Conde d'Eu e Senna Madureira e hoje não sei mais que nome tem, acompanha o curso do riacho Pagehú e é talvez a mais antiga da cidade. Ainda ha um anno, quando a vi pela ultima vez, sua edificação, entre o palacio do governo e a sé, conservava o aspecto colonial e, junto do mercado de farinha, existia alto muro com dois largos portões de madeira. Si por acaso elles se abriam, avistavam-se duas rampas empedradas que davam accesso a um terraço sobre o qual se erguia um casarão quadrado, de biqueira. Fôra, no seculo XVIII, o paço dos capitães-móres ou governadores do Ceará grande.

No anno da Graça de 1782, residio alli o tenente-coronel de infantaria portuguêsa João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury, que veio mais tarde, com D. João VI, para o Brasil, no alto posto de marechal. Como a maioria dos officiaes superiores da epoca, era um sargentão e resolvia despoticamente todos os casos submettidos ao seu rude julgamento, mesmo os que estavam fóra de sua alçada.

Os antigos cangaceiros do Nordeste tinham o habito, que se prolongou até bem pouco tempo, de usar como distinctivo profissional, signal de valentia e fereza, uma longa melena sobre a testa, que, frisada naturalmente pela mestiçagem, se enrolava, formando uma trunfa ou topete. E dahi talvez venham as expressões *ter topete* e *ser topetudo,* indicadoras de audacia.

Quando o possuidor da méxa estava de chapéo á cabeça, ninguem a via; porem, logo que o tirava ou o derreava para traz, ella apparecia. E nenhuma pessôa se atrevia a tirar o menor *paluxio para as bandas* dum desses typos. Nesse tempo, não se chamavam jagunços nem cangaceiros os *cabras* famanazes e os bandidos: eram os caxeados.

Em fins do seculo XVIII, elles enchiam o Ceará. Invadiam mesmo o littoral. Coutinho de Montaury, que residira algum tempo na villa do Aquiraz, a qual ainda disputava á villa do Forte, hoje Fortaleza, a hegemonia administrativa e social, tinha profunda ogerisa aos caxeados e fazia-lhes guerra de morte.

Na tal residencia da rua de Baixo, debruçava-se pela manhã no muro que dava para a via publica e punha-se a observar a gente que ia para a antiga Praça do Conselho, depois, da Sé. Mal dava com um *cabra* de chapéo descido para a nuca e caxo bamboleando no meio da testa, gritava aos soldados da guarda:

— Pega!

Quatro ou cinco milicianos seguravam o valentão e traziam-no á presença temivel do despota. Com um safanão, o cabo de esquadra atirava-lhe o chapéo de couro ou de *casco de péba* ao chão. O caxo fluctuava livre. E o capitão-mór ordenava:

— Sargento, corte a trunfa deste não sei que diga!

O inferior arrancava o amolado chilfarote da bainha e decepava o attributo capillar do famanaz. Os soldados desarmavam-no e soltavam-no. Montaury bradava:

— Vá embora, *cabra!* E, cuidado! não deixe crescer outra trunfa!

Depois de umas seis ou oito dessas *execuções*, nenhum caxeado quiz mais passar, ostentando topete, pelas immediações da casa do governador. Como precisassem ir á Praça, escondiam cuidadosamente sob o chapéo a gaforinha implicante. O capitão-mór notou que os caxos tinham desapparecido. Raramente acontecia poder decepar a trunfa dum *cabra* chegado de fóra e ignorante do odio official áquelle symbolo de bravura. Estavam roubando o melhor prazer que fruía no seu posto de tyrannete colonial duma capitania pobre e distante. Deu o cavaco e, certo de que os caxos continuavam a vicejar occultos, mandou fazer um serviço de espionagem.

Poucos dias mais e foi informado que a cabroeira passava diariamente pela sua casa de trunfa escondida no chapéo. Então, na manhã seguinte, gritou do alto do muro ao primeiro *cabra* suspeito que se dirigia á feira:

— Pare ahi!

O homem estacou respeitoso, intimidado. E elle, melifluo:

— Por que não tira o chapéo para dar bom dia ou pedir a benção ao capitão-mór, representante de El Rei Nosso Senhor?

O cearense descobriu-se e o caxo esvoaçou sobre a testa brunida pelo sol. O governador bradou á guarda de milicianos:

— Pega!

E ao sargento:

— Corte-lhe a trunfa!

Desde esse dia até deixar o governo da capitania e recolher-se a Lisbôa, Montaury obrigou todos os homens de côr, que pela manhã se dirigiam ao mercado, tanto no Aquiraz como em Fortaleza, conforme residisse numa ou na outra villa, a se desbarretarem deante do paço do governo, estivesse elle, ou não, debruçado sobre o muro, ou na janella. E o sargento decepava de um golpe de terçado os topetes cangaceiráes.

Foi, assim, o tenente-coronel português, no Ceará, um verdadeiro Gessler, embora com um fim mais nobre — o de extirpar um mal da sociedade. Infelizmente, seu espirito de vôo curto não attingia as razões sociologicas daquelles caxos. Sòmente via os effeitos. Não meditava sobre as causas. Pensava acabar com os primeiros sem extirpar as segundas. Os modernos governadores do Nordeste, em materia de

combate ao cangaceirismo, não estão mais adeantados.

Eriçando-se de raiva contra os caxos dos sertanejos e praieiros valentões, o sargentão luso obedecia ao instincto burguês de receio ante todo e qualquer symbolo de orgulho, liberdade e desordem. Peladan traça essa psychologia, admiravelmente, num pequeno periodo do romance *La Licorne: En face de l'allure bohême, le bourgeois éprouve un déplaisir; il se croit bravé par les longs cheveux comme les Bourbons de Naples estimaient l'être par les longues barbes; et ne pouvant méner le chevelu chez le barbier entre deux gendarmes comme ces sinistres roitlets ménaient le barbu, ils hérissent de malveillance.*

Uma anecdota sobre Montaury, narrada por João Brigido, serve para terminar o retrato desse figurão dos nossos bons velhos tempos. Queixou-se-lhe um caminheiro que certo negociante se negava a pagar-lhe uma viagem ao sertão do Piahuy, que fizera por sua conta. Chamado á presença do capitão-mór, disse o ultimo que o outro fôra a uma cobrança e, não a tendo effectuado, elle nada lhe devia. Retrucou o queixoso que se não responsabilizára e nem se podia ter responsabilizado pelo exito. Montaury concluio, dirigindo-se ao negociante.

— Pague e pague já!

— Mas eu não trouxe dinheiro commigo, sr. governador...

O despota abrio uma gaveta e tirou a quantia necessaria.

— Aqui tem o dinheiro, disse. Eu lh'o empresto.

Mau humorado, o commerciante deu as moedas ao caminheiro com estas palavras:

— Tome lá pelo amor de Deus!

Cumprimentou o capitão-mór e ia retirar-se, quan- este falou, de mansinho:

— Então, vae embora sem pagar ao homem?

— Eu já paguei!

— Não. Você deu aquelle dinheiro pelo amor de Deus. Empresto-lhe outra vez a mesma quantia. Pague ao homem.

O negociante voltou-se para o caminheiro:

— Tome lá o seu pagamento.

E saío, vendendo azeite ás canadas. Em chegando á casa, mandou logo reembolsar o senhor governador. «E que o não fizesse», commenta João Brigido.

Montaury, sem duvida, era um bruto, mas tinha o sentimento da justiça e o amor da ordem. E' o que se conclúe de sua chronica ainda hoje guardada na tradição oral do Ceará.

Desde o seu tempo, os administradores daquellas paragens procuram combater os caxeados, os jagunços, os cangaceiros, sem resultados apreciaveis. Porque perdem o tempo em decepar caxos, que são frutos, deixando intactas todas as raizes da arvore do mal: injustiça, insegurança, falta de trabalho organizado, coronelismo, politiqueira.

OS CABRAS DO QUIXERAMOBIM

Perto da villa do Teixeira, no alto sertão da Parahiba, residia em meados do seculo passado um velho fazendeiro chamado Bernardo de Carvalho, pae de muitos filhos, todos elles valentaços e briguentos, sobretudo um, que era mesmo cangaceiro de profissão, o Antonio Thomaz. No seu curioso livro *O Ceará,* João Brigido dedica-lhe algumas paginas e diz, sem duvida por engano ou má informação, que era do Piancó e exercia seu mistér no sul da minha terra, no Jardim.

Todos os que hoje em dia lêm consecutivamente nos jornaes noticias das incursões e excursões de Lampeão nos sertões de Nordeste facilmente comprehendem que esse Antonio Thomaz devia andar de longada e de arrancada por aqui e por alli, de maneira a facilmente occorrer que fôsse de logar bem diverso daquelle de que realmente era.

Possuia Antonio Thomaz alguns acostados de confiança, na maioria seus escravos. Ainda não foi feita a historia da escravidão no nosso paiz. Quando a fizerem, um dos capitulos mais interessantes será o da applicação do escravo nos mais inesperados offi-

cios. Houve capitães de navios de vela que os tripulavam com seus negros e houve bandidos cujos companheiros eram seus servos.

Decerto numa de suas arrancadas pelo sul do Ceará, fugio um dos negros de Antonio Thomaz. Dizem que no Icó tentou raptar uma moça, ou a raptou. Perseguido, rumou em direcção a Quixeramobim. No caminho dessa villa, o encontrou um rapaz da mesma. Julgou-o negro fugido e prendeu-o, o que era nesse tempo dever elementar de quem suspeitasse de qualquer escravo e, ao mesmo tempo, negocio, porque sempre se recebia uma bôa gratificação.

Leiamos o que João Brigido diz a respeito:

«Bem amarrado o fugitivo a um esteio da casa do engenho (*no sitio Tanques*), alli mesmo o incauto capitão-de-campo se tinha posto a dormir. Alta noite, o preso abrio nós á corda e, antes de se pôr novamente em fuga, matou o seu conductor com a sua mesma faca.»

Puzeram-se-lhe no encalço os irmãos e parentes do morto. De novo o agarraram. Deram-lhe uma surra de arrancar couro e cabello. Trouxeram-no para o Quixeramobim e metteram-no no tronco. De toda essa historia ha um relato, de certos pontos de vista mais completo e fiel que o de João Brigido, num folheto de cordél ha poucos annos publicado na Parahyba por pessôa sabedora da vida nordestina, intitulado *A Familia terrivel* e referente ás lutas de clan no municipio parahybano do Teixeira.

Havia dias já que estava preso o negro de Antonio Thomaz, quando este entra ostensivamente com o seu sequito pelas ruas da villa a dentro. Trazia cartas de apresentação e empenho dos chefes politicos do Jardim e outros povoados para as autoridades locaes. Vêde bem que as entradas e saídas livres de Lampeão nas cidades sertanejas não são novidade, mas plagio do passado. Apesar dos dez sequazes que o seguiam e das cartas, a gente do Quixeramobim recusou-se terminantemente a entregar o criminoso.

Diz João Brigido que o bandido parahybano subornou a guarda da cadeia. Diz o folheto citado que elle a forçou e tomou o preso, passando sobre cadaveres. O facto é que o levou comsígo. Devia ter ganho distancia e logo procurado alcançar as fronteiras da Parahyba; mas, fanfarrão e blasonador, entendeu de fazer pouco caso dos *cabras* da terra. Limitou-se a transpôr o rio e passou a noite inteira, na outra margem, á luz de fogueiras, no pateo duma casa suspeita, tocando viola, bebendo caxaça, dansando o cateretê e o bahiano, sambando emfim. Pela madrugada, mandou sellar os cavallos. Partiram.

Montado, brandindo a longa faca, Antonio Thomaz bravateou:

— Venham, *cabras* do Quixeramobim, tomar o preso. Eu tenho uma sovéla para fazer um rosario das orelhas dos que tiverem a audacia de vir atraz de mim!

Na primeira encruzilhada, mandou que todos pa-

rassem, fez o negro que libertára despir as ceroulas encardidas que vestia, e disse:

— Não quero que os *cabras* do Quixeramobim, si me perseguirem, errem o caminho. Vou deixar-lhes aqui um signal de pouco caso...

E ordenou que um dos asséclas estendesse aquella peça de roupa num galho rasteiro de arbusto, com os fundilhos voltados para a villa, por escarneo.

Foi o que o perdeu.

A gente do Quixeramobim não tinha medo de caretas e a psychologia de suas vindictas se poderia definir com estes versos antigos duma canção heroica sertaneja:

> Minha cunhada, não chore
> que vou vingar meu irmão.
> Si foi homem que o matou,
> vou acabar-lhe a geração,
> não hei de deixar em pé
> nem um menino pagão!

Com o sol alto, Antonio Thomaz arranchou-se numa casa á beira da estrada. Emquanto todos repousavam, o tal negro ficou de sentinella. De repente, ouve tropél de cavallos, vê a poeirada que levantam e grita para dentro da casa:

— Meu senhor, os *cabras* do Quixeramobim!

Corre a malta ás armas e recebe a tiros os perseguidores. Eram os parentes do rapaz que o escravo matára, as autoridades da villa e alguns soldados.

Os cangaceiros entrincheiram-se na habitação e num cercado de pau a pique que a ladeava. Os *cabras* cercam-nos por todos os lados. E começa uma luta feroz!

Escreve João Brigido: «O negro, o senhor e os guarda-costas eram uns bravos, alem disto estavam no periodo de superexcitação que succede a uma noite de aguardente. Os *cabras* do Quixeramobim, porem, não lhes cediam em ardimento.» O folheto de cordél usa esta simples expressão: «Selvagens contra selvagens!»

As armas de fogo nesse tempo, 1843, bacamartes, trabucos e lacambéxes de pederneira, não permittiam continuado tiroteio, de maneira que esses barbaros dentro de poucos minutos vieram ás mãos, de facas em punho. Na misturada, foi morto o negro que occasionára todos esses percalços. Uma coronhada rebentou-lhe a caixa craneana e os miolos vasaram pelo chão. Mais dois sequazes tombaram mortos. Os restantes, feridos ou não, fugiram em debandada. O insolente Antonio Thomaz fez jús a sua reputação. Combateu como uma fera e não se entregou.

Esfaqueado, gotejando sangue, elle recuava, fazendo sempre frente aos que o assaltavam, procurando alcançar uma das paredes da casa, afim de ter as costas defendidas, quando o subdelegado do Quixeramobim lhe gritou:

— Entregue-se! Largue as armas!

Fez que sim com a cabeça e deixou cair das mãos o bôca-de-sino. Um dos *cabras* approximou-se; porem elle apanhou a arma dum salto e com ella

desfechou tão terrivel pancada na cabeça do inimigo que o derrubou morto. Antonio Thomaz conseguio dar ainda alguns passos e foi encostar-se a um dos cavallos de sua gente, que estava amarrado a uma forquilha do rancho. Alli todos os cercaram e o crivaram de facadas. Elle morreu de pé, encostado ao animal!

Terminou dessa maneira aquella luta de onças. Os cadaveres ficaram entregues aos urubús. E os *cabras* regressaram ao Quixeramobim, victoriosos, trazendo em duas redes um morto e um ferido, mas tambem carregados com a matalotagem, as armas e tudo quanto possuiam os inimigos. Antonio Thomaz levava algumas malas de pregaria doirada, cheias de fazendas e dinheiro, producto de suas rapinagens e de sua propria fortuna pessoal. Os *cabras* da villa indemnizaram-se com esse legitimo botim da affronta dos fundilhos da ceroula...

«Assim se matava e se morria ha meio seculo», escreveu João Brigido em 1899. Acreditaes que o sertão mudou? Parece-me que não ou que muito pouco. O que se passa no Nordeste, actualmente, em materia de banditismo, ensina-me que alli ainda se mata e se morre assim. E é triste que até hoje tanta energia se vá perder no crime, por méra culpa dos governos que se não resolvem a encarar pelo seu verdadeiro prisma o importante problema do banditismo, aproveitando para o bem a força rude, barbara, mas espontanea e sincera, dessas almas primitivas.

POLICIAES E CANGACEIROS

Rapido estudo do banditismo na região nordestina demonstra que uma das melhores fabricas de cangaceiros são as policias estadoaes, na maioria compostas de egressos do crime, nas fileiras, e de homens broncos, crueis ou adstrictos ás politiquices locaes, nos commandos.

O sertanejo detesta o policial. Vê nelle o seu maior inimigo. Appellida-o *caximbo, macaco, pitéo, mata-caxorro*. Emquanto o bandido, muitas vezes de fundo romantico, quixotêsco, saqueia o rico e distribue o que tem com o pobre, o soldado de policia persegue o pobre e ajuda o rico, o chefão das villas e cidades, nas suas vinganças e tyrannias. Alem disso, como mercenario, falta-lhe mesmo a coragem, o denôdo cangaceiral que as canções popularizam e a alma do povo compreende e admira commovida.

Numa gesta parahybana, pela bôca de Antonio Silvino o cantor matuto aponta a falta de justiça dos sertões e as barbaridades policiaes — duas das maiores fabricas de cangaceiros:

No bacamarte eu achei
leis que decidem questão,
que fazem melhor processo
do que qualquer escrivão...

Meu pae fez diversas mortes,
porem não era bandido:
matava em defesa propria,
quando se via aggredido,
pois nunca guardou desfeita
e morreu por atrevido.

No tiroteio, os soldados
seis cangaceiros mataram
e pegaram nove ás mãos,
que tambem assassinaram:
como se sangram animaes,
elles aos homens sangraram!

Eis ahi o bacamarte substituindo a justiça, o amor proprio medieval levando ao crime e os processos odiosos das policias accendendo as fogueiras dos odios inextinguiveis.

A crueldade policial no Nordeste é velhissima. Koster já nos conta que, em 1819 mais ou menos, uma autoridade matuta mandava buscar as cabeças dos individuos que devia prender! O professor Ximenes de Aragão narra nas suas *Memorias* que um tal Andrade, juiz na Uruburetama, Ceará, em 1824, fusilava pessoalmente os presos. Para os quebra-kilos aprisionados, havia os colletes de couro molhado que se

lhes cosiam por cima dos braços. Isto em meados do ultimo seculo. Ao sol, aquella camisa de força engilhava-se, encolhia-se, tolhia a respiração. Os homens deixavam-se cair sem folego. Tangiam-nos a páu e a rêlho!

Liberato Nobrega, delegado de policia do Teixeira, na Parahyba, acabou sendo terrivel cangaceiro. Um dos celebres bandoleiros parahybanos do grupo dos Guabirabas, João, morreu apunhalado pelos policias que o capturaram. Em 1873, perecia com as armas na mão o celebrado cangaceiro José Brilhante, perseguindo uma quadrilha de ladrões de cavallo, cujo chefe era o delegado de policia do logar!

Em 1877, a policia parahybana atacou a fazenda do pae de Jesuino Brilhante, para servir a fins politicos, matou-lhe a tiro o irmão Lucio Alves, deu uma surra de coronha de espingarda na mulher do mesmo, invadio a casa, damnificou os moveis, roubou o que pôde e levou o velho e outro filho presos, maltratando-os até os atirar na cadeia da cidade de Pombal.

Em mil oitocentos e oitenta e tantos, Athayde, delegado de policia no interior do Piauhi, mandava açoitar pelos soldados do destacamento a panno de sabre, deante da casa da namorada deste, um rapaz que lhe caíra no desagrado.

Foi um subdelegado de policia quem assassinou, em Janeiro de 1896, Baptistão, pae de Antonio Sil-

vino. Como o governo não punio esse homicida, o filho recorreu ao bacamarte e se fez cangaceiro.

Quando Secretario de Estado, no Ceará, vi de perto um batalhão de policia constituido por quatrocentos jagunços da peor especie, que matavam pessôas pacificas nas ruas daquella capital, como o velho negociante José Arthur de Vasconcellos, batalhão que o governo de que eu fazia parte teve de dissolver, porque era uma vergonha e uma ameaça constante á ordem publica.

Não ha muitos annos, na luta entre Carvalhos e Pereiras, no sertão pernambucano, um official de policia, partidario dos primeiros, surpreendeu na estrada de Belmonte o joven Sebastião Pereira, rapaz morigerado, e obrigou-o, cercando-o de carabinas e baionetas, a engolir tres cigarros accêsos. Antes, depredára fazendas e villas, e surrára outros Pereiras. Sebastião, para vingar-se da affronta, matou-o de tocaia e tornou-se um cangaceiro terrivel.

Sob o titulo *Estará em vigor a pena de morte*, o jornal de Fortaleza *O Progresso* publicava o seguinte editorial no seu numero de 3 de Julho de 1927:

«Todos nós já sabemos que a policia em vez de manter a ordem nos nossos sertões, que estão entregues aos scelerados que roubam, saqueiam e incendeiam os bens dos nossos desventurados patricios — os sertanejos, em vez de agir dentro da esphera do Direito e da Justiça; pelo contrario, usa da vio-

lencia, e assim contribue de um modo assombroso para a instabilidade da ordem.

Para evidenciarmos o que acabamos de proferir, passamos a historiar o horrivel crime commettido pelo destacamento policial de Tauhá:

Ha menos de dois mezes atraz, um grupo de facinoras, tendo á sua frente o terrivel bandido Antonio Gerimun, atacou inopinadamente a residencia do coronel Joaquim Solano.

A «heroica» policia seguio no encalço dos famigerados, matando dois homens dos que obedeciam ao tal Gerimun.

Animados por este successo, os nossos policiaes revestidos com a couraça da «barbaridade» e convencidos dos seus deveres partiram para Arneiroz, de onde trouxeram um individuo, que se chamava Asa-Branca (por infelicidade tinha nome de passaro).

O «valente» cabo Joaquim Maria foi o chefe da «canôa», que além de maltratar o criminoso que levava em sua companhia (Asa-Branca), manchou de sangue a farda da nossa Policia.

Retirado o bandido da infecta cadeia de Arneiroz, rumaram em direcção ao Tauhá. Depois duma longa caminhada cheia de trabalhos penosos, porque a cada passo que davam esbofeteavam a pobre victima, chegaram afinal á Barra do Piriú, onde se arrancharam.

Ahi, em logar de minorar, ou melhor, diminuir os seus padecimentos, pelo contrario, os augmentaram.

Os «valorosos» soldados que mantém a ordem

naquella infeliz região levaram as suas violencias ao extremo. Tiraram-lhe os olhos e em seguida obrigaram-no a caminhar.

Os nossos «mantenedores» da ordem riam e troçavam deante daquelle acto que acabavam de praticar.

E para diminuirem os seus padecimentos e o seu crime restava apenas um meio — era assassinal-o, e foi o que fizeram.

Poucos dias depois, os incumbidos de capturar o referido bandoleiro chegavam áquella localidade e depositavam no cemiterio os restos mortaes da infeliz presa.

Entretanto, esses que perpetraram tão horroroso crime, talvez que ainda lá estejam scientes e conscientes que desempenharam do melhor modo e com o mais «sacrosanto» patriotismo a missão que lhes fôra imposta, e estão promptos a repetil-a, si preciso fôr.

Agora, sim, podemos exclamar que a policia é o verdadeiro terror dos sertões!»

E' dantesco! Um pobre homem, de olhos vasados, aos tropeços pelo caminho aspero, e a malta soez e feroz a gargalhar em torno!

Parece até que estamos assistindo a uma das scenas selvagens das conquistas assyrias, ou das invasões turanianas de Attila, de Gengis-Khan e de Tamerlão!

E isso se passa num paiz civilizado!

Jesuino Brilhante obrigava os seductores a se casarem com suas victimas, fazia alta e baixa justiça a seu modo, e distribuia viveres aos famintos, nas sêccas. E' o que reza a tradição. Dizem que Lampeão enche de dinheiro o cofre das igrejas e dá esmolas aos pobres que encontra.

O contrario corre mundo a respeito das policias. A da Parahyba entrou na cidade cearense do Limoeiro, que Lampeão respeitou e onde seu bando pagou honestamente tudo quanto adquirio, arrombou casas commerciaes e violentou mulheres. A do Ceará invadio terras do Piauhy, prendeu innocentes, deu pasto a vinganças de potentados e surrou cidadãos pacificos.

Um artigo de fundo do *O Ceará* de 21 de Junho de 1927 dizia:

«... Os nossos conterraneos do sertão têm mais receio dos defensores da ordem do que dos proprios bandidos.

Lampeão penetrou pelo sul do Estado, demorou-se alguns dias no Cariry e não nos consta que tenha feito o menor mal á população, a não ser o susto.

O mesmo não se deu com as policias alagoana e pernambucana, que, durante sua estadia no sul do Estado, praticaram violencias de que só egressos das penitenciarias seriam capazes.

Em Limoeiro, a familia lampeonica não fez mal a ninguem. Deu vivas ao sr. presidente do Estado, distribuio esmolas para a Igreja, comprou a dinhei-

ro nas casas commerciaes, não desrespeitou as familias, não fez violencias.

Ao passo que assim se portaram homens fóra da lei, as forças policiaes da Parahyba, em vez de perseguirem os bandidos, pernoitaram na cidade, ameaçando e espancando a população civil.»

ꝏ

CANGACEIROS DE FARDA

As policias nos Estados do Brasil são tudo, menos policias. Organizadas por officiaes do Exercito escolhidos pelas conveniencias politicas do momento, apresentam aos olhos do observador imparcial grandes defeitos, porque são verdadeiras unidades de infantaria de linha, sem nenhuma especialização, embora seja outro o seu destino.

Nos Estados do Nordeste brasileiro flagellados pelo banditismo, os batalhões de policia chamam-se de *Segurança*. Policia é termo considerado um tanto pejorativo. Elles têm o mesmo numero de companhias e de praças que os do Exercito, obedecem aos mesmos regulamentos de serviço, vestem quasi o mesmo uniforme, são considerados sua reserva e tornam-se inuteis ou prejudiciaes para a missão que deviam cumprir.

Esses arremedos de batalhões do Exercito, recrutados geralmente entre os peores elementos da sociedade, dão guarnição na capital, formam em parada, são revistados no dia sete de Setembro pelo governador, usam grandes galas espaventosas, for-

necem capangas disfarçados para surrar jornalistas, empastelam typographias e, na hora do perigo, derretem-se como por encanto. Conheci uma faustosa policia dessa natureza, a do presidente Nogueira Accioly, que o deixou sosinho no dia em que o povo de Fortaleza se revoltou. Nunca houvera guarda pretoriana mais apavorante, nem commandante mais enthusiasmado. Evaporaram-se aos primeiros tiros de duas duzias de rapazes do commercio e estudantes...

Até hoje não tiveram os Estados nordestinos um homem de governo que os livrasse do onus financeiro e moral dessas caricaturas de tropa de linha. Esses apparelhos militares policiaes custam milhares de contos e são nocivos. De que forças precisa um presidente nordestino? Examinemos a questão com intelligencia. O policiamento de sua capital deve ser feito pela guarda-civil. Aliás, esta existe em muitas sédes de governo. Uma companhia de estabelecimento, bem disciplinada, constituida de veteranos de bôa conducta, é bastante para a guarda dos edificios publicos, as guardas de honra e outros serviços de guarnição. Um pequeno esquadrão de cavallaria basta ás rondas e escoltas. E, em logar dos taes Batalhões de Segurança, algumas companhias volantes no interior, de infantaria montada, organizadas similhantemente á guarda rural, tão famosa, do Canadá, e ao regimento sertanejo de S. Paulo. Homens do sertão, escolhidos a dêdo, bem pagos, vestidos á maneira do sertão, montados, armados, equipados e exercitados

á sertaneja. Eis ahi a unica tropa capaz de combater e vencer o cangaceiro.

Talvez um dia essa idéa medre na cabeça dum dos administradores daquellas terras e, assim, termine a vergonha de haver policias peores que os bandidos, provocando á revolta almas energicas que descambam para o crime. A acção violenta, injusta e brutal da policia tem de ser sociologicamente computada entre as causas principaes do cangaceirismo. Provemos com factos. Abramos o *O Ceará* de 9 de Agosto de 1929:

«*Espancado por nove soldados de policia, enlouqueceu* — Granja 7 — Meu marido foi barbaramente espancado por nove soldados de policia, ficando muito doente. Depois de tamanha atrocidade, permaneceu trinta e seis horas na cadeia. Dois dias após ao espancamento, ficou louco. Chamado o medico, dr. Jacome de Oliveira, este attribuiu a perturbação mental a fortes pancadas vibradas no craneo. Pedi providencias ao dr. chefe de policia, de quem espero acção energica. — *Rosa Pereira de Lima.*»

Amanhã, os filhos ou parentes dessa victima matam o responsavel directo por esse espancamento, que não foi punido. Persegue-os a justiça. Elles amontam-se e tornam-se bandidos. Quem os gerou? A policia.

Outra local da mesma folha:

O LAMPEÃO — AO SAHIR DE LIMOEIRO

«Verificou-se, sabbado ultimo estupida scena de sangue, que teve por theatro a pittoresca villa de Guaramiranga e da qual foi victima o trabalhador de nome João Branco da Silva, com 28 annos de idade, casado, empregado no sitio do dr. Helio Caracas, naquella localidade.»

«Achava-se João Branco um pouco alcoolizado, em certa *bodega* do povoado, acompanhado de um collega de trabalho, quando, apeando-se do cavallo em que vinha montado, entrou inopinadamente no estabelecimento o sargento de policia Tito, conhecido alli por militar desordeiro e de caracter atrabiliario.»

«João Branco, nesse momento, encontrava-se com o juizo completamente transtornado pelos vapores alcoolicos.

Ao pedido do amigo para que não mais bebesse, puxou violentamente a faca que trazia no cinto e a cravou com força no balcão, vergando-a até quebral-a em dois pedaços.

Nesse interim, appareceu o sargento Tito, que brutalmente agarrou a João Branco pelo braço, emquanto, dando-lhe voz de prisão, lhe encostava no hombro direito o revólver e disparava.

Attingido pelo projectil, o desditoso operario conseguiu desprender-se das mãos do militar refugiando-se, em seguida, na residencia do merceeiro, proxima á bodega.

Raivoso por não ter satisfeito a sêde de sangue que caracteriza os assassinos, o miliciano foi á procura da sua victima, penetrando na residencia do mer-

ceeiro, a despeito dos rogos deste, que queria evitar qualquer abalo moral á sua mulher, que se achava de resguardo.

Surdo aos pedidos, o violento militar arrastou a João Branco de dentro do quarto onde o mesmo estava escondido, trazendo-o, desse modo, para fóra.

— «Neste momento não obedeço nem mesmo aos meus superiores», foram as palavras do sargento ao ser-lhe pedida pela segunda vez a vida do operario pelo commerciante.

Sabendo, porém, que o trabalhador era empregado do dr. Helio Caracas, o furibundo militar largou a sua presa, deixando-a retirar-se para a casa dos seus patrões.

O ferido foi transportado, domingo, em automovel, para Baturité, onde lhe foram facultados os primeiros curativos.

A bala alojou-se na região thoraxica, não tendo sido ainda extraida.

João Branco foi recolhido, ante-hontem, á Santa Casa, para ser procedida esta operação.

A policia não tomou conhecimento do facto.»

Guaramiranga não é uma localidade perdida no fundo dos sertões; mas a princeza da serra de Baturité, a Petropolis de Fortaleza, com estrada de ferro proxima e estrada de rodagem, distando da capital mais ou menos cem kilometros. O facto, eloquentissimo, não carece commentarios. Os resultados dessas violencias são outras violencias. No futuro, esse tru-

culento inferior poderá ser assassinado por vingança, como ha muito pouco tempo foi morto á porta de sua casa, á noite, dentro de Fortaleza, um tenente de policia costumeiro a mandar espancar, desfeitear e prender.

E' ainda o referido jornal que, noticiando o passamento do chefe politico sertanejo Isaias Arruda, nos dá esta pagina viva do cangaço no Ceará:

«Pesavam-lhe, como ninguem ignora entre nós, terriveis accusações de chefe de cangaço, de protector de Lampeão e seu socio, de incendiario da ponte do rio Salgado, de varios assassinatos por elle mandados praticar friamente, na sua maior parte, para a occultação de hediondos delictos.

Isaias morou no Cedro e Aurora em cujas localidades, com os seus irmãos, abrio varias lutas com os destacamentos locaes.

Elle e os seus eram tidos como valentes e, por isso mesmo, temidos.

Ha seis annos mudou-se para Missão Velha.

Assumindo o governo o desembargador Moreira e precisando desbancar o partido democrata, começou por alli a tarefa, com a deposição, á mão armada, do coronel Manoel Dantas de Araujo, chefe do mesmo partido, empresa essa que foi confiada a Isaias Arruda, pelo então chefe de policia, dr. José Pires de Carvalho e pelos dois filhos do presidente.

Essa combinação se deu, em 1925, na propria villa de Missão Velha quando se inaugurava a estação

da estrada de ferro e quando o coronel deposto recebia, com festas, o presidente do Estado e luzida comitiva que então, foi ao Joaseiro e Crato.

Dada a deposição, o coronel Dantas tentou reconquistar seu posto e, então, teve com armas nas mãos, para sua defesa, os seus amigos, de Ingazeiras e Aurora, os Paulinos.

Estes, homens valentes, brancos, eram uns quinze, que formavam uma especie de guarda para a defesa dos seus interesses, naquelle pedaço do nosso sertão onde ainda não raiou o sol da justiça e onde sempre imperou o direito do mais forte.

Isaias, que com elles mantinha relações de amizade, dada aquella attitude ao lado do coronel Dantas, passou a hostilizal-os, contando para isso não só com os seus cangaceiros como, francamente, com a força publica.

Invadindo Ingazeiras certa vez á frente de bandidos e soldados conquistou-a, roubou-lhe as mercadorias de quatro lojas e ateou fogo nas suas casas, naquelle povoado.

Numa emboscada, posteriormente, dirigida por José Gonçalves, delegado de policia de Missão Velha, foi assassinado João Paulino, o chefe do bando.

Depois seguiram-se os assassinatos de outros Paulinos e de tres moradores seus.

Continuando a tremenda perseguição, os Paulinos restantes, com as suas familias, mudaram-se para a Parahyba, onde, em Princeza, se sentiram garanti-

dos sob a protecção do deputado estadual coronel José Pereira.

Dois desses, passado algum tempo, vieram da Parahyba á Fortaleza.

Vieram pedir garantias ao governo para reverem os seus haveres, propriedades e gados em Aurora e Ingazeiras.

O governo não lhes prestou a devida attenção, tendo elles ainda sido presos aqui pelo tenente Manoel Gonçalves de Araujo, então inspector de vehiculos e cunhado de Isaias.

Não obstante isso, esses dois Paulinos conseguiram ir á sua terra, ás escondidas, e lá verificaram que nada mais possuiam.

Tudo que lhes pertencia, os gados, moveis, etc., haviam sido roubados!

As casas, os curraes, os cercados, haviam sido devorados pelo fogo.

Naquellas paragens ninguem ha que desconheça estes factos.

Agora eis que Antonio e Francisco Paulino cortaram a Isaias Arruda, o fim da sua existencia.»

Os exemplos mostram que os bandidos sertanejos quasi sempre procuram fazer com suas mãos a justiça que lhes negaram magistrados, policias e governos. De mim sei que, na maioria dos casos, prefiro os cangaceiros sem farda aos cangaceiros de farda. Aquelles são muitas vezes almas de aço. Estes raramente não são almas somente de lama.

CANGACEIROS CORONEIS E GENERAES

Deixei o Ceará, onde nasci, com vinte e um annos de idade e vim para o Sul, fazer a minha vida. Voltei á terra natal com vinte e cinco annos, como Secretario de Estado do Interior, no governo do general Benjamin Barrozo, que, então, se ia iniciar. Encontrei Fortaleza em lamentavel situação. O odio politico invadira o seio das proprias familias. Uma revolução matuta, tramada no Rio de Janeiro e executada pelo fanatismo inconsciente do Joaseiro, derrubara o governo vil do sr. Franco Rabello. A intervenção federal fôra o corollario da anarchia e procedêra a novas eleições. Um batalhão de policia, constituido pura e simplesmente de cangaceiros e fanaticos do Cariry, de jagunços do sr. Floro Bartholomeu, espalhava o pavor na capital do Estado, tanto entre a gente miúda como entre os proprios graúdos da politica local. Era aquillo uma terrivel ameaça a quem quer que entendesse de pôr a machina administrativa nos trilhos.

O governo que ia começar, mau grado ser recebido pelo rabellismo deposto com o maior des-

agrado, tinha propositos de seriedade e de paz, que demonstrou com o tempo e os factos. A popularidade posterior do general Benjamin Barrozo no Ceará é a justa recompensa de sua honestidade, ponderação e energia. O chefe do Estado vivêra longos annos afastado das lutas politicas e o seu Secretario do Interior fôra, como já ficou dito no começo deste livro, dos politicos conservadores no Rio de Janeiro, quando se decidio o movimento do Joaseiro, o unico que terminantemente se oppuzera a esse crime.

No dia da chegada do novo Presidente, se deu a sua posse e, á noite, o interventor federal, general Setembrino de Carvalho, offereceu-lhe uma recepção no palacio do governo. Compareci á festa. Havia muita gente e muita curiosidade. Por occasião dos discursos, estava a uma das sacadas que dão para a praça general Tiburcio, em companhia dum collega dos bancos escolares. Entrámos na sala. Toda a gente se empilhára em volta das figuras principaes da reunião, de modo que tivemos de ficar mesmo na ultima fila e de nos resignarmos a nada vêr.

Lembro-me de tudo como si fôsse hoje. Perto de nós, um sujeito baixote, barrigudinho, de cara alvar e bigodinho escuro, com um todo de açougueiro, fardado de coronel de policia, dava mostras de impaciencia, procurava abrir caminho, afim de passar, e bufava por nada conseguir.

Num vão das janellas, existia um consolo antigo, de tampo de marmore, com dois jarros de velha

porcelana em cima. O nosso homem deitou-lhe os olhos e não resistio. Agaloado, de botas e esporas, trepou numa cadeira e desta se passou para o consolo. As esporas deram com um dos vasos no chão, onde se espatifou com ruido. E elle, encarapitado alli, nem se inquietou com aquillo e muito menos com o escandalo provocado pelo seu acto de absoluta falta de educação, entre as pessôas proximas.

— Quem é? indaguei do meu companheiro.

E elle:

— O coronel Pedro Silvino de Alencar, commandante do segundo corpo de policia, do batalhão de jagunços.

O nome não me era estranho. Eu o vira assignando a famosa *acta* do Joaseiro. Estava em presença do preposto do cangaço na força publica do Estado e havia outros prepostos do mesmo cangaço na Assembléa Estadoal, nas municipalidades, e haveria mais tarde no proprio executivo e na representação federal.

Pouco tempo depois, a situação politica no Estado encrespava-se devido a certas exigencias desse mesmo cangaço fantasiado de legalidade. O batalhão ameaçador de Pedro Silvino arreganhava os dentes. Felizmente, o governo de que eu fazia parte não morria de carêtas. O general Benjamin Barrozo chamou ao telephone o coronel cangaceiro, disse-lhe meia duzia de verdades e demittio-o. No mesmo dia, um decreto dissolvia o famigerado segundo corpo. Assim,

murchou naquella epoca a flôr das aspirações cangaceiras...

Pedro Silvino de Alencar voltou ao Joaseiro, ao regaço delicioso do fanatismo, sem galão nenhum nos punhos, mas sempre conservando aquelle bello espirito de trepar com esporas em consolos de marmore...

Suas relações com o *general* Floro Bartholomeu permittiram que fôsse um dos seus committentes na organização das forças lampeonicas e jagunças que apregoavam combater os revolucionarios, em 1926. Dizem que ganhou dinheiro nessa industria; porem que a sua ambição é herdar do padre Cicero. Todavia, antes que chegue esse momento solenne de venturas sem par, vae se contentando em ser o empresario do celebre negocio do matadouro modelo do Joaseiro e com outras coisinhas mais...

Estas são da seguinte natureza, segundo apregôam os jornaes do proprio Nordeste:

Ha um mez mais ou menos, um grupo de doze cangaceiros, chefiado por Antonio de Sousa e um filho, que residem em S. Pedro do Cariry, deixou o sul do Ceará, atravessou o sertão e entrou no territorio bahiano. Alli, atacou de surpresa duas fazendas, trucidou os fazendeiros, homens pacificos e honrados, e roubou-lhes cerca de setenta contos de réis.

Por felicidade, acudio ao local um destacamento da policia bahiana, que dispersou a tiro a matúla covarde e aprisionou dois de seus componentes, os

quaes confessaram que o crime fôra premeditado e seu fim era sòmente roubar o dinheiro dos fazendeiros; que, dos dez cangaceiros fugidos, cinco eram do coronel Pedro Silvino de Alencar e cinco do Sr. Manoel Alexandre, de Sant'Anna do Cariry; e que os seus chefes lhes tinham dado aquella incumbencia.

Eis ahi o que é a politicagem nos sertões nordestinos, mãe da cangaceiragem, que é a melhor industria daquellas regiões, industria rendosissima, protegida pela mais segura impunidade, que eleva seus industriaes, muitas vezes, ás mais altas posições nos Estados e na Federação. Assim se ganham os galões de coronel, immunidades de parlamentar, dinheiro e até estrellas de general. Mas, coitados! não sentem que, aos olhos da gente honesta, bem educada e culta, elles, nessas posições, estão sempre como Pedro Silvino, naquella noite, symbolicamente trepados de esporas sobre o marmore dum consolo, numa sala de recepção...

o|o

O PAE DE ANTONIO SILVINO (1)

O pae do celebre cangaceiro Antonio Silvino foi um cangaceiro não menos celebre nos sertões de Nordeste, mestiço claro, forte e valente, Pedro Rufino Baptista de Almeida, appellidado o Baptistão, devido á alta estatura e ao avantajado corpo. Tinha atraz de si vasta ascendencia de criminosos e lutadores. Não entrou para o cangaço por si só ou por motivos que tão somente lhe dissessem respeito. Obedeceu ás inclinações da raça e da familia, aos impulsos do sangue e aos exemplos da parentéla.

Fôram seus parentes o famigerado coronel Xico Miguel, temeroso chefe de patuléas criminosas, irmão da não menos celebre Dona Carlota, mandante de assassinios, autora de represalias terriveis, mulher de cabellinho na venta, que, por fim, presa, julgada e condemnada a galés perpetuas pelos juizes da monarchia, acabou miseravelmente seus dias no presidio de Fernando de Noronha.

Como tios segundos, dera-lhe o destino dois grandes e curiosos typos de cangaceiros: o barão de Pa-

gehú e José Antonio do Sacco dos Bois. O primeiro foi um puro exemplar do senhor feudal sertanejo; o segundo, homem primitivo, pundonoroso e valente, cangaceirizou-se impellido pelas circumstancias do meio. Revoltado contra injustiças e perseguições, pôz o sertão em polvorosa e teve no seu encalço um batalhão do exercito! Apesar disso, escapolio-se e alcançou o Recife, onde embarcou para a Côrte. Obteve uma audiencia do Imperador, contou-lhe as attribulações de sua vida e do velho Pedro II recebeu indulto pleno, com o qual regressou ao lar.

Em grau mais afastado embora, tambem fôram parentes do Baptistão os chefes de cangaceiros Manoel Ferreira Grande e o coronel Manoel Ignacio, protector de Silvino Ayres, mestre de Antonio Silvino.

Seria difficil ao Baptistão escapar aos espectros ibsenianos de sua ancestralidade.

Desde mocinho, sempre demonstrou intranquillidade de espirito. Não podia demorar muito tempo num logar.

Era um insatisfeito. Viajava constantemente e mudava de meio de vida de quando em quando. Onde esteve mais tempo foi, como *agregado*, na fazenda da familia Ayres, sua parenta.

Em Campos Compridos, no valle das Espinharas, foi vaqueiro dum particular qualquer. Depois, varou, sem destino, o sertão immenso, perambulando por todo o sul do Ceará, da chapada do Apody á serra da Joanninha. Na zona dos Inhamuns, onde ainda

resoava a fama das tropelias dos Montes e Feitosas, enamorou-se duma moça. Então, fazendo-lhe a côrte, que foi bem acceita, aquietou-se alli um pouco.

Casou. Chamava-se a esposa Balbina de Moraes e contava, na ascendencia como o marido, os maiores lutadores do sertão: pelo lado materno, os Alencares, *magna pars* nas rebeldias politicas do Cariry, os Moraes, que participaram de todas as convulsões intestinas do Ceará, os Feitosas, que combateram os Montes durante meio seculo, e os Brilhantes da Parahyba, cujo vulto principal fôra o famoso Jesuino; pelo lado paterno, o caudilho Pinto Madeira, heróe duma revolução matuta fusilado no Icó, e outro Moraes, um que trouxe as ribeiras dos arredores em tal desassocego e por tão longo tempo que a esse periodo se chamou *a guerra do Moraes.*

Ora, de tal união, provinda de tal ancestralidade, não é de estranhar nascesse um filho como Antonio Silvino.

Casado, Baptistão regressou a Pernambuco e fixou residencia em Pagehú de Flôres, na fazenda paterna, dedicando-se de corpo e alma aos trabalhos e cuidados da lavoura e criação. Si as condições do meio não lhe despertassem os instinctos guerreiros e criminosos adormecidos no fundo de sua psyché, talvez que, com elles profundamente sopitados, conseguisse envelhecer e morrer honesto e calmo. Porém quasi nunca a vida do sertão permitte isso.

Sua situação economica e seu trato natural, affa-

vel e fino em relação ao da rude gente do logar, deram-lhe clientes e protegidos, bem como certo prestigio social. Lia alguma coisa e era muito intelligente: improvisou-se rábula. Conseguio alguns triumphos nos fóros da visinhança e logo o fizeram sub-delegado de policia. No sertão, do criminoso á autoridade e desta áquelle a distancia é nenhuma. Eis porque se póde affirmar que, assumindo o posto que o governo lhe confiou, deu o pae de Antonio Silvino o primeiro passo para o crime.

O exercicio da funcção policial trouxe-lhe rancoroso inimigo na pessôa dum fazendeiro visinho, conhecido protector de máus elementos, que o sub-delegado impedio de praticar abusos, conforme costumava, fiado nos seus asséclas. Quando o Baptistão deixou o cargo, elle gabou-se publicamente de pretender desfeiteal-o.

Certo dia, aborrecido de ouvir repetir o que o outro dizia contra elle, tudo augmentado pelos intrigantes, resolveu definitivamente *tirar a teima*. Foi á feira na villa proxima, Agua Branca, montado no seu melhor cavallo, vestido de branco, com um bacamarte que não mentia fogo a tiracollo.

Pelo caminho, encontrando feirantes e conhecidos, com elles emparelhava o cavallo, conversava e pilheriava, sem ao menos de leve alludir ao inimigo e ás suas bravatas. Assim, chegou ao povoado.

Em frente á praça da feira, ficava o hotel. Apeou-se e entrou. Na sala principal, cujas portas

abriam para a rua, havia uma grande mesa coberta por alva toalha, rodeada de cadeiras, sobre a qual se achavam, espalhadas em volta de velho bule de louça grossa, varias chicaras sujas de café. Sentou-se a uma das pontas da mesa, de frente para a praça do mercado. Alguns companheiros de viagem abancaram-se por perto.

A hoteleira trouxe nova louça e café quente. Ao servil-o, disse-lhe ao ouvido, tremula:

— *Seu* Baptista, tome cuidado! Anda aqui, desde hontem, um *cabra* do Cabrobó. Dizem que é para o senhor...

Elle não respondeu uma palavra, não fez um gesto e somente ageitou melhor o bacamarte sobre os joelhos. Ao levar, porem, a chicara de café á bôca, vio um homem armado sair da casa fronteira ao hotel, no outro lado da praça, e dirigir-se para este.

Ficou immovel, a chicara encostada aos labios, sorvendo o liquido devagarinho, sem perder de vista o desconhecido, que se approximava. Emfim, assomou a uma das portas, examinou rapidamente a sala e apontou ao Baptistão a espingarda que trazia. O ameaçado deixou cair ao chão a chicara de café e abaixou-se repentinamente. A bala do cangaceiro tocou-lhe de leve os cabellos. Ergueu-se dum pulo, bacamarte em pontaria, dando-lhe ao gatilho. Um estampido e densa fumaceira que encheu a sala. Quando o fumo se desfez, vio-se o *cabra* rebolcando-se agonizante no barro da rua.

Calmo, o Baptistão mostrava aos circumstantes

as calças brancas ennodoadas de café e dizia-lhes, sorrindo:

— *Cabra* ordinario, estragou-me a roupa e fez-me quebrar a chicara...

A façanha de Agua Branca correu de bôca em bôca e tornou-o um valentão de fama.

Durante dez annos, o bandido João do Bomfim trouxera em vexames os sertões parahybanos e pernambucanos, perseguindo entre outras pessôas os membros da familia Ayres. Escapava de todas as tocaias que lhe armavam e zombava de todas as ameaças que lhe faziam.

Baptistão, a pedido dos parentes, resolveu acabar com elle. A' frente dos irmãos Ayres e Gadêlhas, cercou-o na fazenda Jatobá, ao pé da serra do Teixeira. O bandoleiro tinha em sua companhia um filho rapazinho. Ambos defendêram-se ferozmente. Durante a noite, o pequeno, embora ferido, conseguio fugir. Pela manhã, Baptistão e seus companheiros encontraram João do Bomfim encostado a uma parede, a arma nas garras enclavinhadas, morto, pregueado de balas!

O sertão é o paiz das intrigas. Meio e raça produzem-nas em demasia. E são, na maioria dos casos, as causas dos crimes e das lutas de familia. Ellas atolaram de todo o pae de Antonio Silvino no cangaceirismo.

Tendo discutido com o dr. Chaves, que possuia

uma fazenda encostada á sua, por causa do assentamento dum bebedouro para o gado, encarregaram-se as intrigas de envenenar essa pequena e naturalissima divergencia entre visinhos, numa região onde as terras são mal determinadas, havendo sempre duvidas quanto á sua posse e limites. A politica tambem se intrometteu no caso e mais azedou os animos. Ademais, o bebedouro era imprescindivel necessidade para o Baptistão, pois no sertão resequido as bôas aguas são difficeis. Si o seu gado não pudesse beber no logar que escolhêra, sómente encontraria aguada dalli a duas leguas! Insistio, portanto, em manter o bebedouro. O dr. Chaves mandou desmanchal-o pelos seus moradores. Declarou-se a guerra.

Começaram, então, os elementos politicos adversos a perseguil-o, accusando-o de mortes perpetradas aqui e alli, após a do cangaceiro do Cabrobó e a de João do Bomfim: uma nos Carirys Novos, outra no Baixo Moxotó e outra no Pão de Assucar, Alagôas. Não se sabe bem si tudo isso era verdade ou não passava de mera calumnia.

A' questão com o Chaves veio juntar-se outra com os Ramos.

Baptistão tinha tres filhos rapazes, fortes e valentes: Francisco, Zeferino e Manoel Baptista de Moraes, que se tornou o maior cangaceiro dos ultimos tempos sob o nome de guerra de Antonio Silvino. Este era quem melhor o ajudava nas labutas da fazenda, embora gostasse muito de dansar em sam-

bas e de cantar desafio. Numa dessas festas, teve de repellir os versos provocantes que lhe dirigia, ao som da viola, Desiderio Ramos, filho de José Ramos, desaffecto de seu pae por ter sido um dos desmanchadores do bebedouro a mandado do dr. Chaves.

Por influencia deste, Ramos e seus filhos, Desiderio e Joaquim, puzeram varias emboscadas contra o Baptistão, que escapava sempre incolume, zombando delles. Porém, um dia, na feira de Afogados de Ingazeira, conseguiram cercal-o. Travou-se horrenda luta, na qual morreram o Baptistão e Deusdedit Chaves, irmão do doutor.

A familia do pae de Antonio Silvino moveu processo contra os Ramos, que, aconselhados pelo dr. Chaves, se entregaram á prisão. O jury, bem trabalhado pela politica, absolveu-os. O advogado da familia Baptista appellou da sentença e os presos, para esperarem novo julgamento, fôram transferidos para a penitenciaria do Recife. Em Janeiro de 1897, tornaram ao sertão. Iam responder ao segundo jury. Em caminho, a escolta, subornada pelos Chaves, deixou-os fugir.

Manoel Baptista de Moraes metamorphoseou-se no grande bandido Antonio Silvino para vingar seu pae. E vingou-o.

O MESTRE DE ANTONIO SILVINO

Manoel Baptista de Moraes, famoso nos annaes do crime como Antonio Silvino, tomou esse pseudonymo em homenagem a Silvino Ayres, seu mestre na profissão que abraçou.

Silvino Ayres Cavalcanti de Albuquerque, de nome illustre, filho do coronel Ildefonso Ayres, nasceu na fazenda Antonica, ao pé da serra do Teixeira, alto sertão parahybano, na era de sessenta e tantos, como sóem dizer os matutos, e guerreou a familia Dantas, tendo tido Antonio Silvino ás suas ordens nessas primeiras lutas. Não foi, como bandido, caso unico, nem mesmo o primeiro caso na sua familia. Antes de marchar para as lutas terriveis de sua ensanguentada vida, seu irmão mais moço, rapaz vivo e denodado, de nome Pompeu, se tornára cangaceiro.

Com licença do pae, Pompeu assentara praça na tropa de linha, como primeiro cadete, pois o posto paterno, na guarda nacional do Imperio, lhe dava essa prerogativa. Entre os annos de 1882 e 1884, o

governo enviou a Campina Grande, logar perigoso do interior da Parahyba, um destacamento de seis praças sob seu commando. O cadete era estroina e jogador, *peralta*, como se diz no sertão. Em peraltices e peraltadas, gastou os fundos do destacamento confiados á sua guarda, ahi uns trezentos mil réis, dinheirão naquellas priscas eras. Commettido o desfalque, receiou, apesar de protegido pela influencia da familia, a acção da justiça coéva, talvez mais vendada que a de hoje, porem menos vendida. Só lhe restava o recurso de desertar e assim fez, conseguindo levar comsigo, de taes labias usou, os seis soldados do destacamento.

Refugiou-se na fazenda onde nascêra, a Antonica. Mas de que viver? Da rapina, que não queria trabalhar. Ao primitivo grupo de desertores, fôram-se reunindo os desoccupados, os perseguidos e os perversos da redondeza. Dentro em pouco, a população daquella zona vivia em perpetuo receio. Elles despojavam os viajantes e os comboios nas estradas, assaltavam fazendas e povoados, exigiam pedagios, resgates e tributos dos negociantes ricos.

As reclamações constantes obrigaram o governo provincial a agir. Foi enviado a Patos, com ordens severas contra os bandoleiros, o alferes do exercito Agnello, á frente de vinte soldados. Nos ultimos dias de Dezembro, plena sêcca, a força cercou a fazenda Antonica, onde os bandidos estavam entrincheirados. Depois de muitas horas de tiroteio, a casa foi assaltada a arma branca. Morreram alguns defensores

do refugio. Outros fôram presos. Pompeu conseguio fugir, varando carrascáes e catingas, sem armas, lanhado de espinhos, roupas em tiras.

Em petição de miseria, alcançou a chapada da serra do Teixeira e seguio pela estrada que levava á famigerada terra da familia Dantas, á Immaculada. No logar Tauhá, encontrou o chefe dos Dantas, o afamado Delmiro, o poderoso Dedé. Eram amigos de infancia, mas suas familias então se odiavam. Todavia, o potentado sertanejo, vendo-o naquelle estado, teve pena e perguntou-lhe:

— Que é isso, Pompeu? De pés no chão, sem um cavallo para montar e sem uma arma para se defender!

— Venho fugido, retrucou o cangaceiro, e preciso esconder-me seja onde fôr.

— Monte na garupa do meu burro e, emquanto Delmiro Dantas, viver, nada lhe acontecerá de mal.

A inimizade apagára-se ante o espirito de solidariedade innato nos bandoleiros. Primeiramente, Pompeu descançou na fazenda Santo Agostinho, de propriedade do Dedé. Depois, demandou o sul da provincia. Homisiou-se, por fim, no Pagehú, de onde arribou para Petrolina, nas proximidades do S. Francisco, indo residir com o ex-cadete Francisco Cabral, seu velho amigo. Os perseguidores, entretanto, não lhe davam descanço. Vinham-lhe no rasto. Eternamente desconfiado, elle abandonou certa noite, de repente, a casa hospitaleira, que poucas horas mais tarde foi sitiada, assaltada e saqueada por uma tropa.

Pompeu atravessou o rio S. Francisco e foi morar á margem direita, no Remanso. Desde essa data, nunca mais se souberam noticias delle.

Silvino Ayres foi o grande inimigo dos Dantas, e da fazenda Antonica fazia guerra de morte á gente da Immaculada. Após varios episodios, vendo os Dantas que elle tinha verdadeiramente coragem, simularam esquecêl-o. Foi quando se mudou para um sitio que possuia junto ao morro do Jabre, na região do Teixeira, entregando-se de todo á calma vida de criador e plantador. Raramente saía daquelle eremiterio para as feiras na villa ou para visitar uns parentes proximos no Pagehú de Flôres.

Ninguem — nem mesmo os cantadores ambulantes e os trovistas dos sambas — falava mais de seus antigos feitos e vinte annos lentamente passaram sobre a primeira epoca, tão agitada, da sua vida. Mas o odio dos Dantas não arrefecêra e esperava unicamente uma occasião propicia para se manifestar.

Dantas e Ayres copiavam mais uma vez, naquelles selvaticos rincões, as lutas de familia tão communs e proprias das sociedades primitivas, as mesmas que se verificam na Italia antiga, na Corsega, na Escocia, onde os Gowrie chegaram a querer sequestrar um rei, na Serra Morena, na Albania, nas aldeias persas pintadas por Gobineau, nas dissensões riojanas descriptas por Sarmiento, e no Far-West, como nos ensinam as pelliculas cinematographicas americanas.

Em 1897, era sub-delegado do Teixeira — lembrae-vos, leitor, de certos *sherifs* das referidas fitas americanas — Manoel Dantas Correia de Góes Junior, inimigo figadal da familia Ayres. Essa autoridade somente pensava em fazer uma humilhação aos seus adversarios. Pretextando que Silvino e seus moradores eram ladrões de cavallos, cercou as casas de tres agregados do sitio, pilhando-as, destruindo-lhes os cacaréos e espancando a pobre gente.

Silvino Ayres, sentindo-se injuriado, procurou no Pagehú o seu grande amigo coronel Manoel Ignacio e queixou-se do que lhe tinha sido feito. O velho e rude sertanejo deu-lhe homens e armas, bateu-lhe no hombro e exclamou:

— Desaffronte-se!...

Ao bando juntou-se mais gente: amigos, affeiçoados, aventureiros, parentéla, Zeferino e Nézinho, filhos do Baptistão, irmãos de Antonio Silvino, este, os manos Gadêlhas, todos ansiosos pelas lutas.

Na noite de 19 para 20 de Junho de 1897, á frente de 23 homens, Silvino Ayres apoderava-se do Teixeira, arrombava a cadeia publica, soltava todos os presos, estragava a casa de moradia e a casa commercial do delegado, que conseguio fugir pelo telhado, *como lagartixa,* diziam os habitantes da localidade.

Ás oito horas da manhã, sem têrem podido agarrar o desaforado Manoel Dantas, os cangaceiros recolhêram-se ao Pagehú.

Porem a semente de novas lutas estava plantada

e ia germinar. Os Dantas voltaram ao Teixeira e começaram a perseguir todos quantos tinham manifestado qualquer sympathia pelo revide dos seus inimigos.

Emquanto isso, o grupo de Silvino Ayres perambulava pelo planalto ao norte do rio S. Francisco, entre o valle do Moxotó, a serra Negra e a da Baixa Verde, dominando, assim, todo o sertão do Pagehú de Flôres, terra de *cabras* e de facas afamadas. Pelas fazendas dos mandões locaes, de um em um, de dois em dois, os cangaceiros, iam ficando esparsos, bem protegidos. E somente com sete homens Silvino demandou a serra do Surrão, no municipio parahybano de Campina Grande. Ahi se acolheu á casa dum concunhado, um tal Prisco, durante um anno.

No fim de 1898, voltando da villa do Mogeiro, Prisco topou na estrada o seu desaffecto Néco Marcello, que ia só e sem armas. O outro vinha *alegre*, acompanhado e armado. Provocou Marcello, que respondeu desaforadamente. O grupo descarregou-lhe as armas em cima, a queima-roupa, matando-o. Silvino vinha mais atraz e assistio áquelle crime estupido e covarde. Ficou muito aborrecido. Abandonou o parente e foi residir no logar Samambaia.

Já os Dantas moviam os seus amigos politicos nas capitaes da Parahyba e Pernambuco, cujos governos inundaram o sertão de soldados. Silvino Ayres passou a viver no mato, como bicho. Uma noite, cercado por trinta praças, foi preso.

Levado para a cidade da Parahyba, atiraram-no a um estreito cubiculo da cadeia publica. Dizem que dentro do mesmo lançavam cal para asphyxial-o. Resistio e chefiou uma conspiração de presos, que foi descoberta antes de explodir.

Em 1906, no governo Alvaro Machado, fez-se a revisão do processo de Silvino Ayres e elle, já bastante velho, foi restituido á liberdade.

Os cangaceiros são heróes abortados, muitas vezes. Como Napoleão lia, commentava e seguia os exemplos de Cesar, Manoel Baptista de Moraes imitou o nome e a vida aventurosa de Silvino Ayres. As situações são diversas, mas o phenomeno humano é positivamente o mesmo.

CAPITÃO VIRGOLINO FERREIRA, O LAMPEÃO

Não faz muito tempo a imprensa brasileira commentou a entrada do cangaceiro Lampeão na cidade cearense do Joaseiro, onde foi recebido com todas as honras — musica, repique de sinos e cortejo civico, em que tomaram parte as autoridades locaes.

Chamado á fala por um jornalista de Fortaleza, o padre Cicero, rei do sertão, mansamente declarou que o caso não podia deixar de ser assim, porque Lampeão viéra ao Joaseiro na bôa fé dos tratados. Floro Bartholomeu mandara chamal-o para se incorporar ás guerrilhas que organizava contra os revoltosos errantes. Não seria, portanto, digno mandar prender dentro da cidade o homem que nella penetrára a convite. E é forçoso convir que, do ponto de vista da honra sertaneja, o padre tinha razão.

E' verdade que Lampeão foi alli com muito atrazo. Floro Bartholomeu já morrera e fôra enterrado, quando elle chegou á nova capital do Cariry. A culpa, porem, não foi sua e sim do meio em que vive. Naquelles rincões, não ha telephone, e as vias férreas e as linhas telegraphicas não prestam serviços,

quando existem, aos heróes do cangaço. Os recados são levados por portadores a pé ou proprios a cavallo. Decerto, dessa maneira Floro Bartholomeu mandou dizer a Lampeão que viesse. Recado vae, recado vem por tão primitivos meios de communicação, houve tempo para quem o mandára chamar adoecer e vir fallecer no Rio de Janeiro. Floro já partira para o outro lado da vida e o padre, seu chefe e amigo, entendeu que não podia nem devia mandar metter na cadeia quem se apresentava em confiança.

Si tudo isso é desculpa, é forçoso confessar que não está mal arranjado. Na moral da sociedade sertaneja um acto pautado por essa regra é perfeitamente logico. O jornalista da cidade vê tudo com outros olhos. Para elle, o cangaceiro é um facinora, um bandido tôrpe. Assim o faz a mentalidade do littoral. Para o sertanejo, não. Elle vive e pensa como ha dois seculos atraz. No seu modo de vêr, é um heróe, em primeiro logar pela sua valentia, pelo numero de mortes praticadas e pelos combates em que se cobrio de gloria; em segundo logar, é um perseguido merecedor de sympathia, um revoltado contra os governos, dos quaes o matuto é figadal inimigo, porque, na sua miseria, no seu abandono, na sua ignorancia, só chegam ao alcance de sua compreensão as duas faces antipathicas dos poderes publicos: a policia e o imposto.

Ainda uma vez é preciso reconhecer que elle tem razão. Com effeito, paga seguidamente o imposto

e não palpa directamente o resultado disso. Não lhe dão, sinão parcimoniosamente ou como pretexto para roubalheiras, escolas, nem estradas, nem remedios, nem justiça, nem açudes. Suas relações com o poder limitam-se a votar em quem mandam, a dar dinheiro e a ir para a cadeia. Lampeão surge aos olhos dessa gente como um symbolo triumphante da revolta popular contra o mal compreendido principio de autoridade. Repete-se o phenomeno passado com todos os grandes cangaceiros: os Brilhantes, os José Antonios, Adolfo Meia-Noite, Liberato Nogueira ou Antonio Silvino.

A historia de outros povos ensina-nos a mesma coisa e, quando no ponto mais central do Rio de Janeiro, por causa de demandas forenses, ha tiroteios como os do Far-West e um serventuario da justiça mata o amigo dum demandista como nas catingas do Nordeste fazem os cangaceiros, a gente comprehende melhor os bandidos nordestinos e se prepara para justificar um pouco os Lampeões...

E' necessario olhar o sertão e os acontecimentos do sertão com olhos de sertanejo. O interior do Nordeste vive a vida do seculo XVIII, com uma unica differença, a das armas. Em logar dos trabucos e bacamartes, ha riffles Winchester e fusis Mauser; porem as almas não mudaram.

Em identico estagio de sua evolução, os outros povos, mesmo os mais civilizados, não eram superiores aos sertanejos. Em meados do seculo XVI,

na Inglaterra se procedia com os cangaceiros inglêzes como os sertanejos procedem com os seus.

Hugo Latimer, capellão de Henrique VIII, bispo de Worcester e pregador incansavel, narra, no seu livro *Frutefull Sermons,* o seguinte caso occorrido nas proximidades da capital inglêsa:

«Voltava eu para Londres, viajando a cavallo, quando cheguei a uma localidade onde fiz saber que pregaria no dia seguinte pela manhã, por ser dia santificado e parecer-me que a prédica era conveniente em tal data. A igreja ficava á beira da estrada. Para ella me dirigi no dia seguinte, acompanhado de minha comitiva. Julgava encontrar o templo cheio de gente; mas, quando cheguei, a porta estava fechada a chave. Esperei talvez mais de meia hora até que emfim se achou a chave e alguem da parochia veio a mim e disse: — Hoje, senhor, estamos muito occupados e não podemos ouvil-o. E' o dia de Robin Hood. Toda a população está no campo colhendo ramos e flôres para a recepção delle. Faça o favor de não perturbal-a. — Tive, portanto, de ser forçado a dar livre passagem a Robin Hood, de ceder o logar a seus asséclas.»

E o pregador accrescenta, indignado:

«O caso não é para rir. Antes é para chorar e affligir-se muito, pois que se expulsa um pregador sacro para receber com festas um bandido, um ladrão de estrada!»

Robin Hood foi o maior cangaceiro que jamais houve na Gran Bretanha, porem o povo via nelle,

segundo o attesta o cyclo de lendas e canções a seu respeito, um rebellado contra a tyrannia dos nobres e da realeza, e festivamente o recebia nas povoações das proximidades de Londres.

Como querer que outro seja o procedimento do sertanejo, que, moralmente, está ainda na mesma epoca que o camponio inglês do seculo XVI? ([3]).

Lampeão é uma victima do seu meio.

Numa de suas correrias pelo sertão, a policia pernambucana matou o pae de Lampeão e deu em sua mãe tamanha surra que ella falleceu tres dias depois. Louco de indignação e raiva, sem ter para quem appellar, vendo impunes os réos fardados de tamanha brutalidade, Lampeão e um irmão tornaram-se cangaceiros. De accordo com o espirito duma canção sertaneja, procuraram no bacamarte as leis que decidissem a questão por falta de outras.

Nessa mesma diligencia, salvo engano, soldados dessa mesma policia encontraram na estrada um pobre sertanejo conduzindo uma burra. Deram-lhe muita pancada e tomaram-lhe a azémola. Elle foi tambem, naturalmente, procurar a lei, a sancção penal contra a violencia, a vingança, no bacamarte. E' Chumbinho, um dos mais famosos comparsas de Lampeão.

O tenente Germano, da citada policia, cercou a casa humilde duns matutos idosos sob o pretexto de procurar criminosos, porem de facto para servir a mesquinhas vinganças pessoaes da politica do logar,

e deu formidavel tunda no dono da mansão. O filho desse velho recorreu ao riffle para desforrar-se. E' Navieiro, outro companheiro de Lampeão.

A lista do bando do celebre cangaceiro é muito curiosa. Os appellidos de seus companheiros lembram os dos chuans, dos heróes do cyclo carlovingio, dos salteadores da Serra Morena e dos indigenas americanos. Alem de Antonio Ferreira, irmão de Lampeão, e de Sabino, *cabra* de confiança deste, e de Massilon, seu tenente, são: Maçarico, negro moço, *cometa* da tropa, Tres-Côcos, Az de Oiro, Pae Velho, Cobra Verde, Serra do Mar, Bom-de-véras, Chumbinho, cujo verdadeiro nome é Herminio Xavier da Silva, Tres-Pancadas, Rio Preto, Fortaleza, Moreno, Gato, Mormaço, Beija-flôr, Nevoeiro, Zé Relampago, Vereda, Quindú, Zé Tenente, Trovão, Marréca, Bemtevi, Dois de Oiro, Júrema, Sabiá, Pinga-fogo, Azulão segundo, para distinguir-se de outro Azulão afamado, Navieiro, Antonio Cabôclo, Antonio Caxeado, Vinte e Dois, Lua Branca, Zé Pretinho, Coqueiros, Mergulhão e Jararáca, que foi preso e morreu de ferimentos recebidos na luta, em Mossoró. No seu depoimento alli, este enumerou mais: Ezequiel, Virginio, Zé Delfino, Manuel Antonio, Vicente Feliciano, Luis Sabino, Euclydes, Camillo, Antonio dos Santos e Luis Pedro.

A lenda encarrega-se de empretecer a fama do salteador. Ha mesmo escriptores que dão curso á

historia de Lampeão botar brazas dentro das rêdes das criancinhas de peito, afim de gosar vendo-as assar. E' o cumulo da irreflexão! Eu não duvido que elle não pratique barbaridades, mas essa é impossivel, porque as rêdes são de panno e as brazas, antes de lhe dar tempo de se divertir bastante com a tortura dos innocentes, queimariam esse panno, caindo no sólo.

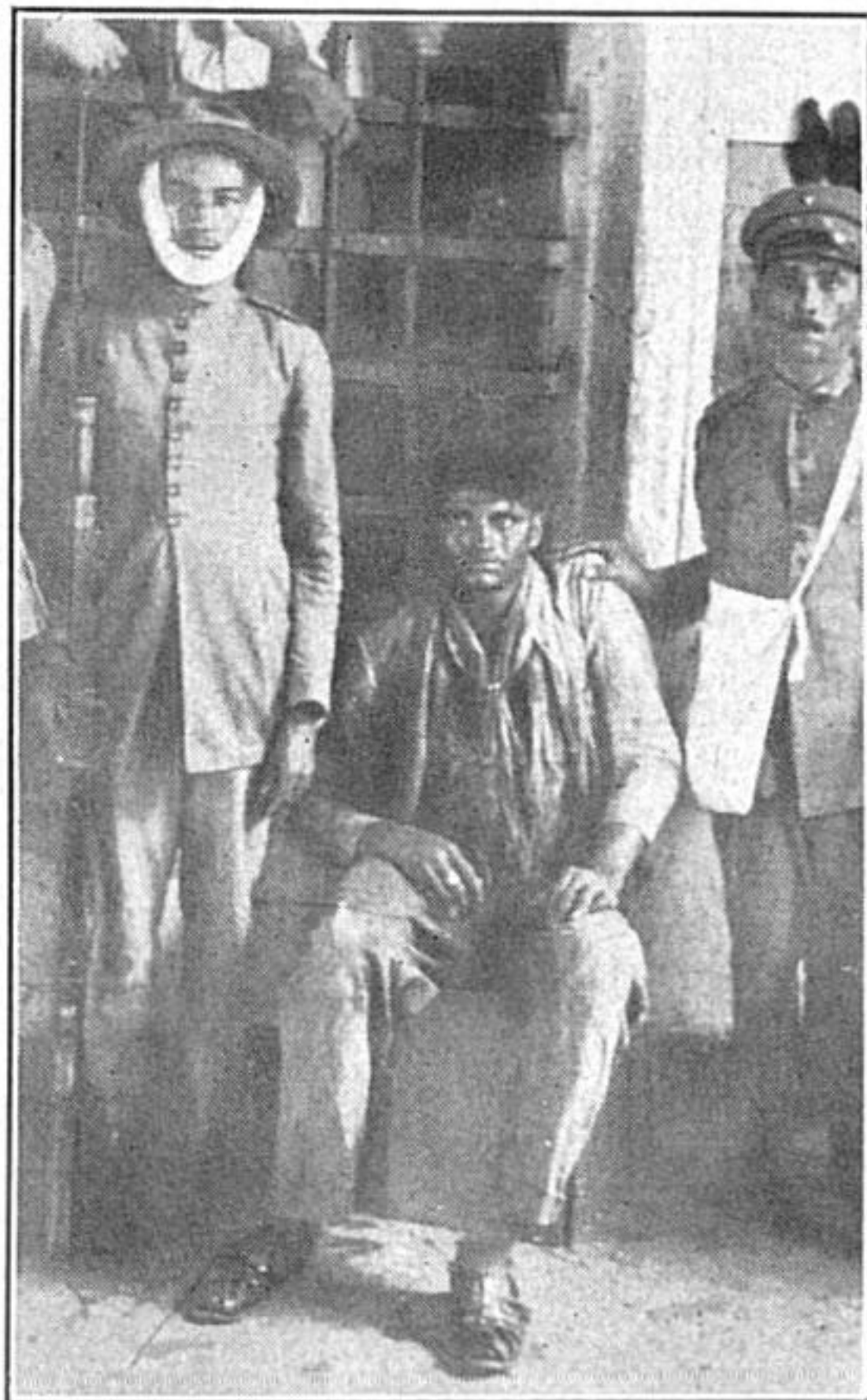
Essa historia é inventada como aquella, que já figura até em romances historicos, dos *Balaios* maranhenses cosêrem um leitão vivo nas entranhas dum homem vivo. Ora, qual o individuo que resiste a uma abertura tal no ventre que dê para nelle se metter um bácoro?

Todo cangaceiro começa por ser um revoltado e acaba sendo bandido. E' a regra geral. Por que não aproveital-o antes de sua queda? Os responsaveis pelos destinos do Brasil têm sido sempre, por ignorancia ou descaso, mais criminosos do que elles, os párias do sertão infeliz, mil vezes mais nobres na sua gandaia sangrenta do que os hypocritas defraudadores do erario, os magistrados corruptos, os politicões sem consciencia e os civilizados que matam a tiros de revolver em plena Avenida Rio Branco homens desarmados ou que lhes dão as costas, porque estão certos da impunidade.

Lampeão é um pseudonymo de guerra [4].

Lampeão tinha um *pivette*, que acudia pelo nome de Oliveira, rapazinho de dezeseis annos, costumeiro

LAMPEÃO

JARARACA
Prisioneiro ferido

a brigar como um homem. Franzino, de raça branca, descendia dessas familias de sangue puro que outróra povoaram os sertões de Nordeste, ciosas de se não mestiçarem.

Oliveira servia com rara habilidade de espião ao bandoleiro. Observava os povoados que deviam ser atacados, não despertando desconfianças devido á sua idade. Na hora da refrega, portava-se como um dos mais valentes.

O pae desse menor fôra assassinado, por questões de terras ou de politica, a mando da familia Ferraz e de Quincas Godim, potentados dos sertões pernambucanos. O menino acompanhou Lampeão para ter ensancha de vingar seu pae, visto como o crime ficara impune. E' preciso reconhecer que o primeiro passo do criminoso precóce foi dado por um impulso de dignidade. Assim, são quasi todos. Posteriormente, a propria vida do cangaço se encarrega de polluir aquelles que a ella se entregam para satisfazer o seu pundonor medieval ou a sua sêde de justiça.

Lampeão ajudou logo de saída ao pequeno Oliveira. Foi ao Riacho do Navio, em Pernambuco, atacou a fazenda de Quincas Godim e matou-lhe mais de trezentas cabeças de gado.

O sertão é como a Corsega de antanho. Não possúe justiça. Cada qual, para não ficar deshonrado, tem de fazêl-a por suas proprias mãos. Depois da *vindicta*, a catinga acolhe o sertanejo criminoso com a mesma generosidade com que o *maquis* occulta o corso.

A GESTA DE LAMPEÃO

Quando a fama dum heróe-bandido dos sertões nordestinos transpõe os limites daquella região e se espalha por todo o paiz, apregoada na imprensa e na tribuna do Congresso, já emocionou profundamente as populações locaes, cujos rhapsodos a cantaram em versos tôscos, mas significativos. E'- um phenomeno identico áquelle que creou as gestas dos trovistas e menestreis da idade-media, com as necessarias differenças de meio e tempo.

O cangaceiro Lampeão, antes de ser falado pelas fôlhas e commentado pela oratoria fôfa dos senadores e deputados, foi celebrado em versos rudes e francos pelos cantadores sertanejos. Os *pliegos de cordél* encarregaram-se de trazer ás cidades do littoral essa producção da musa popular.

Tres annos antes de sua celebridade chegar ao Rio de Janeiro, em 1923, uma typographia do Mundo Novo se encarregava de publicar a gesta anonyma, intitulada *Historia do bandoleiro Lampeão,* na qual figura, de accordo com os cánones do trovar sertanejo, o proprio heróe contando a sua historia:

Eu nasci em Mato Grande
e alli mesmo me criei;
meu pae era um velho calmo
e eu muito cedo mostrei
que era um coração de fera.
Provas de bom nunca dei.

A primeira questão que tive
ainda me lembro com quem,
com um rapaz meu visinho,
que nunca fez mal a ninguem.
Si fôr vivo ainda mostra
as cicatrizes que tem.

O poeta deseja pintar os maus instinctos do cangaceiro manifestando-se desde a meninice e, para isso, não recua deante dos exaggeros. Aliás, o exaggero é decerto a base do genero épico.

Logo aos dez annos de idade,
comecei a minha vida,
já possuia um punhal,
e bem perto da partida
deixei meus paes sem remorso,
e não tive mais guarida.

Passa a descrever, como em todas as poesias similhantes, o companheiro ou companheiros do bandido:

Em Santa Luzia do Norte,
encontrei um companheiro,
que tratou de me contar

quanto soffre um forasteiro;
depois, tambem lhe contei
qual foi meu passo primeiro.

Este me acompanhou
muito activo e bem valente,
nunca entrou numa luta
que só a um fizesse frente,
pois elle brigava muito
e bebia sangue quente!

Elle possuia um riffle
que nunca perdeu um tiro,
naquelle sertão não houve
quem enfrentasse João Birro,
pois este era o seu nome,
filho do velho Ciliro.

«Bebia sangue quente! Bebia sangue de gente!» são expressões de horrenda fanfarronice, communissimas nos poemas primitivos dessa natureza: *Canção dos Quatro Filhos Aymon,* gestas carlovingias ou normandas, poemas dos heróes barbaros como Ragnar Lodbrog ou Fitz Warin.

Prosegue a biographia de Lampeão com a pintura da primeira luta:

Seguimos para Viçosa,
numa manhã de verão,
ambos bem prevenidos
de comida e munição.
Passámos alli tres dias
sem ter uma alteração.

No sabbado, fomos á feira,
mas tive uma discussão.
Eu disse logo ao cabôclo:
— Quem está aqui é Lampeão!
Si quizer vêr, ameace,
mostre a mim o seu brazão!

O cabôclo veio a mim,
bati a mão ao punhal,
gritei para elle: — Avance!
Você hoje toma sal!
Com duas ou tres furadas,
o cabôclo gemeu: — Qual!...

Ahi fui cercado logo
por um cabo e dois soldados.
O companheiro fugio,
o que me encheu de cuidados.
Todos elles de carabina,
vinham mesmo avexados.

Trabalhei quasi uma hora,
me vi um pouco enrascado,
com menos de dez minutos
deixei deitado um soldado.
Tentei correr, mas não pude:
continuei no riscado!...

O cabo gritou á força:
— Peguemos este ladrão!
Este individuo parece
ser o tal de Lampeão.
Eu disse: — Sou elle mesmo!
E augmentou a confusão.

Eu apressei os manejos,
arranquei minha pistola,
atirei logo na força
e foi mesmo uma carambola.
O chumbo pegou de córte
que só fez rasgar a gola...

Mas ficaram atordoados
com similhante perigo,
e o cabo, acreditando
que já estava ferido,
avancei com meu punhal,
logo ouvi mais um gemido!

Depois de tanta peleja,
a força foi recuando,
eu tambem dei o meu fóra,
pois já estava tardando.
Saí numa disparada
e a força ficou me olhando.

Alli eu não quiz ficar,
nem procurar companheiro,
pois elle me deixou só,
antes de vêr o berreiro,
me deu trabalho e foi muito;
precisou ser mais ligeiro...

Saí dalli com vontade
de ir á feira da Matinha,
bem perto do meu logar
a caça era mesquinha,
pois o povo muito manso
medo de mim tudo tinha.

Mas alli sempre apparecem
alguns valentões de fóra.
Eu já estava prevenido
pra brigar em qualquer hora,
não perguntava com quem,
pois commigo não demora.

Agora, vamos ter uma scena de delicioso realismo, que a singela descripção do poeta nos traça com encantadora propriedade:

Eram dez horas do dia,
quando a feira estava cheia,
um soldado pisou no pé
de uma mulata feia.
O marido se doeu,
elle ameaçou cadeia.

Foi quando chegando eu vinha,
o homem foi me olhando,
no cós da calça do homem,
o soldado ia pegando.
Elle ficou cabisbaixo.
o soldado foi empurrando...

Eis o abuso do representante da autoridade provocando a reacção quixotesca do sertanejo revoltado:

Ahi, eu disse ao soldado:
— Mas por que essa prisão?
O soldado foi seguindo
sem me prestar attenção.
Eu puz a mão no punhal
pra promover minha acção

Elle teve que parar,
perguntando-me quem era.
Disse-lhe que mostraria
si estava á minha espera,
que o homem não ia preso
por aquillo que não fizera.

Elle disse que o prendeu
e ninguem mais o soltava.
Avancei, tomei o preso,
porque nada me faltava.
Fiz tudo isso com calma,
pois com raiva não estava.

Esse caso de *tomar preso* é commum nos sertões, onde as policias fazem prisões injustas a cada passo. E o gesto de Lampeão narrado pelo troveiro é de bem attrahente sympathia!

No dia seguinte, fui
a um povoado visinho,
encontrei um conhecido
que mora em Carrapatinho,
conversei muito com elle
sobre meu tio Xiquinho.

Dizendo-me que alli
se deu um grande barulho:
quizeram matar meu tio,
pensei logo no embrulho,
indaguei quem fôram elles,
preparei meu Cascabulho.

Cascabulho era o nome
dum riffle que possuia,
nunca houve uma distancia
que não fizesse a folia,
com elle estava guardado
e só a Deus eu temia.

Si Roldão possuio a espada Durindana, si as espadas de todos os grandes *preux* tiveram nomes de guerra, não se deve estranhar que o cangaceiro ponha appellidos nas suas facas: Espinho de Favella, Estrepe de Joá, Espeto do Inferno, Espora do Diabo ou Unha do Padre Eterno. Ainda menos estranhaveis as alcunhas de bacamartes e clavinas. Estrella d'Alva e Bôca da Noite chamavam-se os trabucos de Pinto Madeira. Lampeão segue as tradições: seu riffle de confiança é o Cascabulho.

Partindo na terça-feira,
com grande satisfação,
fui á casa de meu tio
lhe pedir sua benção,
e com calma indaguei
quem foi o tal valentão.

Mas o velho, sem querer,
me pedio pra não matar,
porque depois era preciso
elle dalli se mudar.
Eu disse a elle: — Meu tio,
a surra tenho que dar!

Foi um tal de Mané Giboia,
que mora um pouco afastado.
Esperei-o no caminho
da casa do seu cunhado,
vinha armado de facão,
com uma pistola do lado.

Quando elle me avistou,
foi logo me conhecendo,
preparei-me logo alli
e fui pra elle dizendo:
— Saiba que estou na aldeia,
onde você está vivendo!...

Elle ahi não teve duvida,
me deixou, saío correndo,
foi chamar o seu cunhado...
Eu disse: — Acaba morrendo,
sei que hoje eu me vingo
e, depois, não me arrependo!

Não tardou nem dez minutos
mode a luta começar,
vieram os dois contra mim,
ouvi a garrucha soar
e nem um caroço de chumbo
foi capaz de me pegar.

Só com um salto que dei
o meu punhal vi entrar;
o outro com o facão
queria me decepar.
Então, usei da pistola
para melhor manobrar.

Atirei contra o primeiro,
pois era quem me devia,
deixando o outro de lado,
para vêr o que faria,
este avançou novamente,
dizendo que não temia.

A luta era terrivel
e bastante demorada,
visto isso, resolvi
dar a ultima arrancada:
chegando junto delle,
vibrei-lhe uma punhalada!

Para ahi a primeira gesta de Lampeão, mas outros cantores já devem ter celebrado suas façanhas de 1923 para cá. E' pena que ainda não tenham chegado ás minhas mãos as novas rhapsodias.

ꝏ

NOTAS

(1) No livro do sr. Rodolfo Theophilo, *A sedição do Joaseiro*, á pagina 37, lê-se o seguinte:

«Chegando ao Rio, os emissarios conferenciaram com o chefe do P. R. C., ficando assentada a deposição do coronel Franco Rabello, deposição que, caso não pudesse ser feita pelos Marretas de Fortaleza, começaria por um movimento sedicioso em Joaseiro, promovido pelo padre Cicero Romão Baptista, e iria sobre a capital do Estado. Fizeram parte desse conluio os senadores e deputados cearenses em opposição ao governo do Estado, os tres emissarios e mais o doutor Gustavo Barroso, sendo que este foi o unico que se oppôz á conflagração do Ceará, porque amava mais a sua terra do que os proventos que podia tirar da sedição do Joaseiro.»

(2) A vida de Antonio Silvino foi narrada com todos os pormenores no meu livro *Heroes e Bandidos*, no qual estão mais as historias circumstanciadas dos seguintes cangaceiros: Cunhas e Patacas, os Cacundos, Mourões e Moquecas, Liberatos e Guabirabas, o Ca-

belleira e o Cundurú, Rio-Preto, Brilhantes, Limões, Suassunas, Viriatos, Adolfo Meia-Noite, os dois José Antonios, Athayde, João do Bomfim.

(3) Em abono de nossa these: despacho telegraphico da United Press, publicado na imprensa carioca em 30 de Maio de 1926:

«*Ajaccio* 29 — O enterro do bandido Romanetti, morto pela policia depois de vinte e cinco annos duma vida de crimes, deu motivo a grandes manifestações de pesar por parte do povo corso, que o considerava um protector. Cerca de *trinta mil pessôas* acompanharam os restos do terrivel aventureiro ao cemiterio. As autoridades, *por precaução*, mandaram recolher a policia aos quarteis, para evitar qualquer conflicto com o povo.»

Parece que a Corsega é um dos departamentos da França...

(4) Alguns documentos sobre Lampeão não serão de mais. Eis algumas cartas trocadas entre o prefeito de Mossoró, o coronel Antonio Gurgel, réfem do bandoleiro, o logar-tenente deste e elle proprio. Os salteadores usavam papel timbrado em qualquer typographia sertaneja. A correspondencia em questão foi estampada em varios jornaes nordestinos.

1.ª carta:
(Timbre do papel: Sabino Gomes, 1.º Tenente)

13 de Junho de 1927

«Meu caro Rodolfo

Desde hontem estou prisioneiro do grupo de Lampeão, o qual está aquartelado aqui, bem perto da cidade; manda, porèm, propôr um accordo para não atacar mediante a somma de 400:000$000 (quatrocentos contos de réis). Posso adiantar sem receio que o grupo é muito numeroso cerca de 150 homens, bem equipado e municiado a farta. Creio que seria de bom alvitre você mandar um parlamentario até aqui, que me disse o proprio Lampeão seria bem recebido. Para evitar o panico e o derramamento de sangue, penso que o sacrificio compensa, tanto mais que elle promette não voltar mais a Mossoró. Diga sem falta ao Jayme que os 21:000$000 que pedi hontem para o meu resgate não chegaram aqui e, si vieram, o portador desencontrou. Assim, peço por vida de Yolanda para mandar . . . .
(*continua noutra fôlha de papel com o timbre: Capitão Virgolino Ferreira — Lampeão*)
. . . . o cobre por pessôa de confiança para salvar a vida do pobre velho. Devo adiantar que todo o grupo me tem tratado com muita deferencia, mas eu bem avalio o risco que estou correndo. Creia no meu respeito.

ANTONIO GURGEL DO AMARAL»

2.ª carta:

(Timbre do papel: Capitão Virgolino Ferreira — Lampeão)

«Coronel Rodolfo

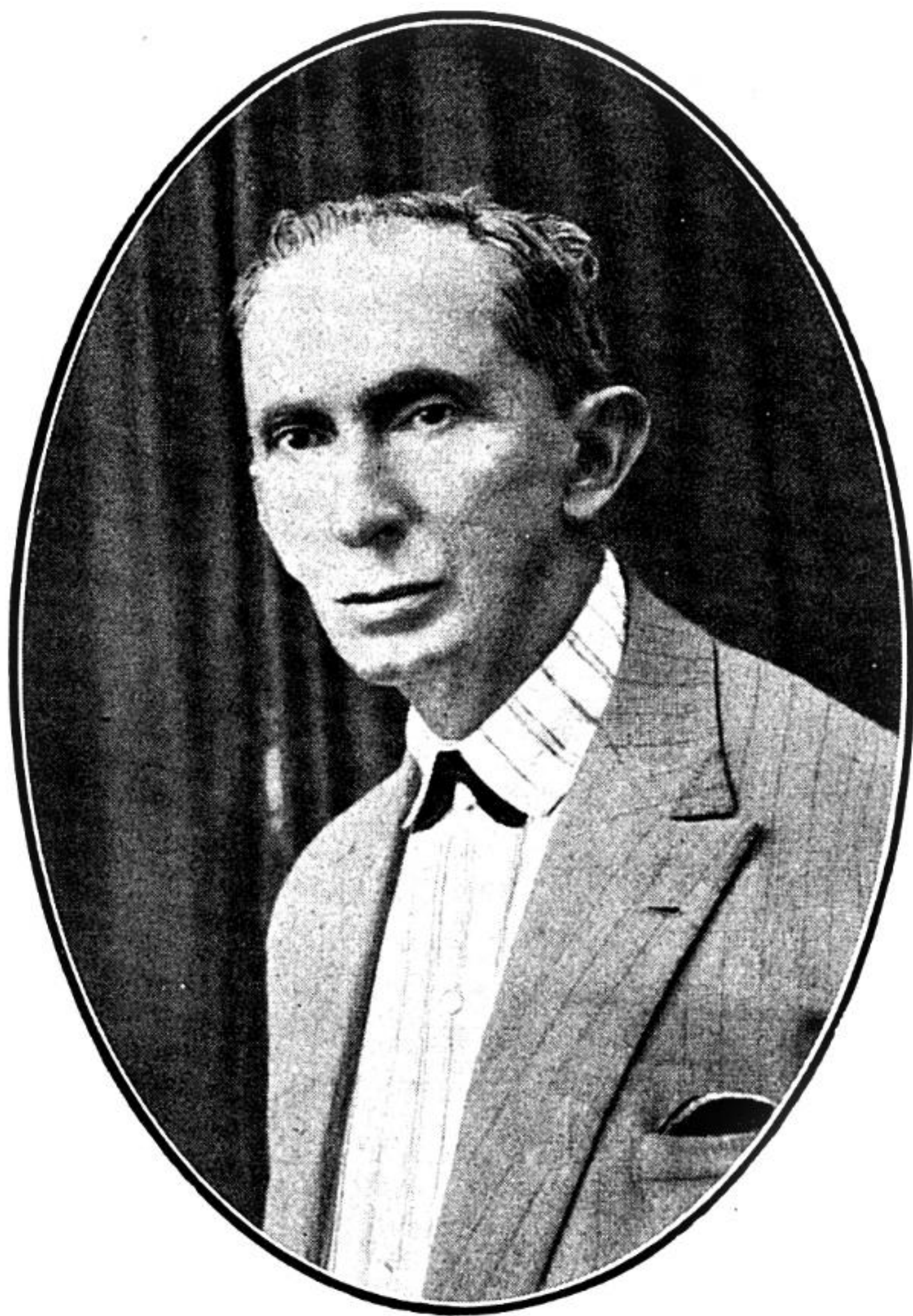
Estando eu até aqui, pretendo é dinheiro. Já foi um aviso ahi para os sinhores, se por acauso resolver mi a mandar me a importancia que vus pedi Eu envito de Entrada ahi, porem não vindo esta importancia eu entrarei até ahi penso que adeus querer, eu entro e vae aver muito estrago, por isso se vier o dinheiro eu não entro ahi, dê resposta logo.

CAPM. VIRGOLINO.»

3.ª carta:

«Antonio Gurgel

Não é possivel satisfazer-lhe o pedido dos quatrocentos contos de réis, pois não tenho e mesmo no commercio é impossivel se arranjar tal quantia. Ignora-se onde está refugiado o gerente do banco sr. Jayme Guedes. Estamos dispostos a recebêl-os na altura em que elles desejarem. Nossa situação offerece absoluta confiança e inteira segurança.

RODOLPHO FERNANDES.»

RODOLPHO FERNANDES
Prefeito de Mossoró

4.ª carta:

«Virgolino Lampeão
Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importancia que pede e nem tambem o commercio. O banco está fechado, tendo os funccionarios deste se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo que o sr. queira fazer contra nós. A cidade acha-se firmemente inabalavel na sua defesa, confiando na mesma.

RODOLPHO FERNANDES, prefeito.»

Lampeão atacou violentamente Mossoró e foi repellido com perdas.

ADDENDO

OS CANGACEIROS DA PARAHYBA

O major reformado do Exercito Nicanor Guedes de Moura Alves escreveu ao autor deste livro, em 1912, a proposito de alguns estudos do mesmo sobre cangaceirismo, importante carta publicada no *Jornal do Commercio*, edição da tarde, de 8 de Janeiro daquelle anno. Essa carta é um tão curioso e vivo documento do que é o cangaço nos sertões que a transcrevemos como elucidação do phenomeno que estudamos e combatemos. Ademais, traçou-a um dos officiaes que mais se empenharam em luta contra os bandoleiros do interior do Nordeste e o seu depoimento em relação aos proprios soldados de policia é digno de registo.

«Parahyba do Norte, 22 de Dezembro de 1912.

Respeitosas saudações.

Tendo grande prazer de vêr publicados em vosso conceituado jornal — edição da tarde de 4 de Novembro ultimo — os factos occorridos no interior da

Parahyba relativamente ao cangaceirismo e banditismo praticados nos municipios do Teixeira, Patos e outros visinhos, quando me achava no commando das forças em operações no alto sertão deste Estado, venho penhorado agradecer-vos as referencias que fizestes nessa fôlha relativamente á minha humilde pessôa, no cargo em que me achava, commissionado pelo governo estadoal; e peço ainda permissão para vos fornecer outras notas sobre a minha direcção das forças em perseguição das hordas de cangaceiros e criminosos que infestavam e anarchizavam naquelle tempo o interior do Estado; e muito me alegrarei si tiver a sorte de vêr publicadas nesse criterioso e conceituado jornal mais essas notas do que occorreu no curto periodo do meu commando.

Principío declarando que fui convidado pelo Presidente do Estado para acceitar o commando geral das forças policiaes e o cargo de delegado em commissão, afim de perseguir e bater os cangaceiros que atacavam, roubavam e assassinavam homens pacatos, honestos e abastados naquella zona sertaneja, declarando-me ainda o mesmo sr. Presidente não confiar mais nos officiaes que se achavam no commando daquellas forças.

Não querendo negar serviços ao meu Estado, quando se apresentava occasião do governo solicital-os, e, ainda mais, não querendo que o mesmo governo dissesse que neguei o meu concurso para manter a ordem, e quando mais o Estado precisava della, acceitei essa difficil e espinhosa commissão, não

olhando a sacrificio algum, deixando minha esposa em vesperas de dar á luz, e marchei para o centro anarchizado, sem perda de tempo, exigindo apenas do sr. Presidente do Estado, dr. João Lopes Machado, franco apoio aos meus actos, para poder agir conforme as occasiões permittissem; o que me foi concedido, dando-me autorização para agir como julgasse mais conveniente.

Cheguei á villa do Teixeira, affrontando toda sorte de difficuldades, arriscando a minha vida, visto existirem em diversas partes do caminho emboscadas de cangaceiros, conforme fui avisado, e das quaes milagrosamente me safei.

Alli chegando, encontrei as forças sem se movimentarem; e se achavam aquarteladas em Taperoá, sob o commando do major Genuino Bezerra; em S. José dos Cordeiros, sob o do tenente Rangel de Farias; e no Teixeira, sob o do capitão Augusto Lima. Todas essas forças se compunham de 260 praças. E' preciso notar: o sr. dr. João Machado assegurou-me ter no interior do Estado 500 praças; entretanto, só encontrei 350, contando com as que se achavam em S. João do Cariry e Piancó, e todas mal armadas, com pouca munição de guerra e completamente sem uniformes; de modo que só me foi possivel contratar no Teixeira umas duzentas e poucas praças, inclusive alguns paisanos que alistei. Outra difficuldade: as praças desertavam aos grupos de 4 a 6 quasi diariamente, conduzindo armamento e munição, para engrossarem as fileiras dos bandidos;

todavia pude evitar as deserções, que não mais se deram depois de minha chegada alli.

O Teixeira era municipio ambicionado pelos Dantas, que faziam todo o empenho em tomal-o e arrazar a villa, victimando os habitantes que não os acompanhavam. Não podia abandonar esse ponto, porque todos os dias me chegavam ameaças de ataque, achando-se os grupos de Franklin Dantas e Santa Cruz no povoado Umburana, Estado de Pernambuco, distante do Teixeira tres leguas e meia.

Quando encontrei as forças, me dispuz a atacar o reducto de Santo Agostinho, na Immaculada, onde se reuniam os celebres *Moizinhas* e outros bandidos, na fazenda do finado Delmiro Dantas. Fui, então, aconselhado pelo dr. João Machado, Presidente do Estado, a não atacar aquelle reducto, porque não era conveniente fazer essa diligencia antes da eleição presidencial. A' vista disso, deixei de atacar esse reducto, onde se achava reunido grande numero de criminosos.

Limitei-me, assim, a movimentar a força do Teixeira em pequenas diligencias aos logares onde, diariamente, os cangaceiros atacavam propriedades de adversarios politicos de seus chefes, tornando-se difficil encontral-os, porque eram logo avisados quando a força se movimentava e fugiam immediatamente para o Estado de Pernambuco, onde a minha força não podia penetrar por não ter autorização.

Nessa contingencia, mantive-me até que, na tarde de 23 de Maio, marcharam do povoado Umburana

Franklin Dantas e Santa Cruz com 400 cangaceiros para atacar a villa do Teixeira. Chegando-me aviso da marcha delles, organizei piquetes de 15 praças e mandei pôl-os de emboscada nas estradas, na distancia de seis kilometros, afim de dar-se alli o primeiro encontro e ter aviso da approximação dessa gente, ficando o resto da força fazendo o cerco da villa para enfrentar os atacantes e outros piquetes para fazêrem uma rectaguarda.

Ás onze e meia da noite, cahio a vanguarda dos cangaceiros nas emboscadas, havendo tiroteio e dando-se a completa debandada dos que vinham pela estrada da Immaculada, commandados pelos filhos do finado Delmiro Dantas.

Esse encontro prevenio Franklin Dantas e Santa Cruz, que tomaram outra direcção, indo mais tarde todos se reunir no logar Varzea Verde, propriedade de Sabino Limeira, adepto dos Dantas, onde passaram o resto da noite.

Ás duas para as tres horas da madrugada, chegaram á villa os piquetes, que me communicaram o occorrido, não sabendo, porém, si se deram mortes ou ferimentos nos cangaceiros, por ser a noite muito escura e têrem elles se internado no Sacco da Serra. Ficámos esperando o ataque até cinco da manhã, porque tinhamos certeza de que se dirigiam ao Teixeira; entretanto, amanheceu o dia e nada de ataque.

Causando especie não têrem os cangaceiros se approximado da villa, mandei pessôas disfarçadas saber que direcção tinha tomado essa gente. Só mui-

to tarde fui informado que os cangaceiros tinham deixado a serra da Borborema e se dirigiram para a Espinhosa. Tres dias antes, tinha mandado em diligencia quasi metade da força sob o commando do capitão Augusto Lima, afim de apprehender no povoado do Matto, distante 16 leguas, armamento e munição que constava existir em casa de Néco Delgado, amigo dos Dantas; constando ainda que se achavam reunidos alli os Saldanhas e Antonio Silvino, amigos de Delgado, afim de auxiliarem os Dantas e Santa Cruz, quando atacassem o Teixeira. Fiquei, então, crente que os cangaceiros tinham resolvido ir ao encontro do capitão Augusto Lima, a quem votavam odio rancoroso.

Nessa hypothese, tratei de preparar qualquer soccorro ao Augusto, com a pouca força de que dispunha no Teixeira. Foi quando me chegou a noticia de que os bandidos haviam atacado a cidade de Patos, distante sete leguas do Teixeira e nove do povoado Matto. Nunca nos passou pela imaginação, nem mesmo aos patoenses, que essa gente fôsse atacar aquella cidade, porque até havia compromisso do chefe da opposição, Leoncio Wanderley, cunhado de Franklin Dantas, para com o chefe governista, Miguel Satyro, garantindo que seu cunhado não atacaria aquelle local.

O aviso que me chegou foi trazido por um homem que andava no campo e, ao approximar-se da cidade de Patos, ouvio os tiros do ataque e muita gente circulando o povoado, sem ter ainda atravessado o

rio que toma o lado sul da cidade, e nada mais sabia sobre o que se passára.

Suppondo que o capitão Augusto Lima já se tivesse approximado de Patos, visto ser por alli o seu caminho, e que a pequena força destacada alli sob o commando dum alferes reunida aos habitantes da cidade resistisse á invasão, requisitei immediatamente as forças de Taperoá e São José dos Cordeiros, que tinha collocado nesses logares para me guardarem a rectaguarda, no caso dum assalto ao Teixeira ou ás immediações, e fiquei a preparar-me, esperando o aviso da marcha de qualquer dessas forças para onde estava, afim de reunir-me a ella, seguir para Patos e bater os cangaceiros, si ainda não tivessem sido derrotados.

Quando, ansioso, esperava esse aviso, recebi a resposta dos commandantes daquellas forças declarando-me que não attendiam á minha requisição por têrem ordem directa do Presidente do Estado para não sahirem de seus postos. Sendo eu o commandante geral das forças e não me tendo communicado a sua resolução, o sr. Presidente do Estado faltou ao cumprimento de sua palavra, dando ordens errôneas e desastradas a outros commandantes de forças sob minha direcção, sem me fazer sciente desse seu acto. Mesmo assim, organizei uma expedição com a força de que dispunha no Teixeira e fil-a seguir para Patos sob o commando do major Genuino Bezerra.

Quando essa força já descia a serra da Borborema, chegaram-me cartas e portadores, avisando-me

que vinham marchando do povoado Umburana, para atacarem o Teixeira, Sergio Dantas e Hugo Santa Cruz, com 300 cangaceiros. Nessa contingencia, o que fazer? maximé quando os amigos e familias exigiam de mim a volta da expedição, afim de garantir a villa, caso elles viessem, visto ter ficado pequena força de guarnição e tudo fazer acreditar que essa segunda tentativa de ataque obedecia a um plano entre os chefes para, logo que fôsse atacada a villa por Sergio e Hugo, auxilial-os Franklin e Santa Cruz que se achavam em Patos. Assim, tive de ceder e mandei voltar a expedição.

Do capitão Augusto Lima e sua força não tive mais noticias; só appareceram dois dias depois.

Os atacantes apossaram-se da cidade de Patos desde as cinco horas da tarde de 25 de Maio, visto a pequena força que alli estava não ter resistido e muito menos o chefe local, Miguel Satyro, que entregou a cidade á sanha dos facinoras, não consentindo siquer que um sargento e quatro rapazes continuassem a fazer fogo, o que impedia a entrada franca de Franklin Dantas e Santa Cruz.

De Patos não me mandaram a menor noticia nem me pediram nenhum soccorro. Nessas condições, fiquei guarnecendo o Teixeira e esperando a cada momento ser atacado, conforme as noticias que me chegavam diariamente. Dizia Franklin Dantas que, emquanto não tomasse o Teixeira, nada tinha feito, e que o arrazaria ainda que isso custasse rios de sangue.

Como podia eu agir naquella occasião, faltandome os recursos precisos e até falhando aquelles com que mais contava devido ás ordens erróneas e ingratas do Presidente do Estado? Foi essa a difficil situação em que me achei no interior da Parahyba. Dias depois, fui surprehendido com a communicação do mesmo sr. Presidente de haver autorizado o capitão Adolfo Massa, commandante da 4.ª companhia isolada do Exercito, a assumir o commando das forças policiaes no sertão, forçando-me deste modo a demittir-me desse commando por não me poder submetter como major, embora reformado, a um capitão. Solicitei immediatamente a minha demissão.

Passados alguns dias, chegou a força do Exercito ao Teixeira. Apesar de seus esforços para manter a disciplina, o commandante via-se quasi na impossibilidade de evitar as manifestações dos soldados em favor dos adversarios e hostis aos amigos do governo, a quem chamavam *marretas*, e promettiam espancar a força policial, que insultavam todos os dias, arrancando ostensivamente das portas das casas dos amigos os retratos do dr. Castro Pinto, candidato da Convenção á Presidencia do Estado, e furando-os a punhal.

Tive muitas vezes de intervir para evitar esses actos de indisciplina das praças do Exercito, sahindo em paz por ser conhecido dellas, cuja maioria servira commigo, quando capitão do 40.º batalhão de infantaria, depois 49.º de caçadores. Ellas diziam que só respeitavam aquelle logar emquanto minha pes-

sôa alli estivesse e, logo que eu sahisse, levariam a policia e tudo quanto fôsse *marreta* a pau e a bala.

Aconteceu isso justamente após minha sahida, havendo mortes e ferimentos.

Fui dispensado do commando das forças em principio de Junho e ainda permaneci no Teixeira, no cargo de delegado em commissão, até meados de Julho, apurando a responsabilidade dos criminosos, conseguindo responsabilizar mais de setenta como cumplices nos actos de banditismo praticados naquelle municipio.

Depois de minha demissão do commando das forças, conservei-me alli esse tempo por exigencia de amigos, que me pediam por tudo para os não abandonar naquella occasião em que ainda temiam ser atacados, visto não se julgarem garantidos sem minha presença».

Este depoimento pinta cruamente a epoca da invasão da Parahyba pelo exercito de cangaceiros do doutor Franklin Dantas e do bacharel Santa Cruz. E' dispensavel qualquer commentario, porque elle tem minudencias que exprimem tudo. Para os estudiosos da sociologia sertaneja, vale tanto quanto a famosa *acta* do Joaseiro constante deste volume.

⚮

INDICE